

Língua Portuguesa

3ª Série Ensino Médio

Aluno



SALTO

Sistema de Avaliação
da Educação do
Estado do Tocantins

Secretaria da
Educação
Cuidar e Educar



GOVERNO DO
ESTADO DO TOCANTINS
www.to.gov.br/seduc



José Wilson Siqueira Campos
Governador do Estado

Danilo de Melo Souza
Secretário de Estado da Educação

Ricardo Teixeira Marinho
Secretário Executivo da Secretaria da Educação

Cristiane Sales Coêlho
Subsecretária de Gestão e Finanças

Leida Maria Elias de Moura Menezes
Subsecretária da Educação Básica

Joneidson Marinho Lustosa
Superintendente de Informação e Tecnologia da Educação

Romão Pereira Neri
Assessor Executivo de Avaliação e Acompanhamento do Ensino e suas Modalidades

ORGANIZADORES

Abrão de Sousa - Língua Portuguesa
Elizama Mauricio de Paiva Santos - Língua Portuguesa
Mariana Castro Cavalcante Lima Silva - Língua Portuguesa



D1 – Localizar informações explícitas em um texto.

Namoro

O melhor do namoro, claro, é o ridículo. Vocês dois no telefone:

- Desliga você.
- Não, desliga você.
- Você.
- Você.
- Então vamos desligar juntos.
- Ta. Conta até três.
- Um... Dois... Dois e meio...

Ridículo agora, porque na hora não era não. Na hora nem os apelidos secretos que vocês tinham um para o outro, lembra? Eram ridículos. Ronron. Suzuca. Alcizanzão.

Surusuzuca. Gongonha (Gongonha!) Mamosa. Purupupuca...

Não havia coisa melhor do que passar tardes inteiras num sofá, olho no olho, dizendo:

- As dondozeira ama os dondozeiro?
- Ama.
- Mas os dondozeiro ama as dondozeira mais do que as dondozeira ama os dondozeiro.

Na-na-não. As dondozeira ama os dondozeiro mais do que, etc.

E, entremeando o diálogo, longos beijos, profundos beijos, beijos mais do que de línguas, beijos de amígdalas, beijos catetéricos. Tardes inteiras. Confesse: ridículo só porque nunca mais.

Depois de ridículo, o melhor do namoro são as brigas. Quem diz que nunca, como quem não quer nada, arquitetou um encontro casual com a ex ou o ex só para ver se ela ou ele está com alguém, ou para fingir que não vê, ou para ver e ignorar, ou para dar um abano amistoso querendo dizer que ela ou ele agora significa tão pouco que podem até ser amigos, está mentindo. Ah, está mentindo.

E melhor do que as brigas são as reconciliações. Beijos ainda mais profundos, apelidos ainda mais lamentáveis, vistos de longe. A gente brigava mesmo era para se reconciliar depois, lembra? Oito entre dez namorados transam pela primeira vez fazendo as pazes. Não estou inventando. O IBGE tem as estatísticas.

(VERÍSSIMO, Luís Fernando. Correio Braziliense. 13/06/1999.)

01. (PROVA BRASIL) No texto, considera-se que o melhor do namoro é o ridículo associado

- (A) às brigas por amor.
- (B) às mentiras inocentes.
- (C) às reconciliações felizes.
- (D) aos apelidos carinhosos.
- (E) aos telefonemas intermináveis.

DROGAS – Como estamos lidando com o problema?

Postado por **Brasil Metrópole**



O modelo atual de combate às drogas busca nada mais nada menos que a abstinência completa das substâncias ilegais. Qualquer outro resultado que não passe pelo abandono dessas substâncias de uma vez por todas é considerado um fracasso. O argumento para chegar lá   forte: quem não largar o baseado ou a seringa vai para a cadeia.

Essa guerra tem três frentes de batalha. A primeira é tentar acabar com a oferta, ou seja, combater os fornecedores, os narcotraficantes. A Polícia Federal brasileira, que apreende toneladas de entorpecentes todo ano, trabalha nessa frente. Outro exemplo saído desse front foi a substitui o de cultivo realizada na Bolívia e no Peru, **pela qual** os

agricultores receberam incentivos para trocar a lavoura de coca por outras culturas.

A segunda frente de combate   a redu o da demanda. Há duas maneiras de convencer o sujeito a não usar drogas, ou seja, de prevenir o uso das drogas. Além de ameaçar prendê-lo, processá-lo e condená-lo – ou seja, reprimi-lo –, pode-se tentar educá-lo: ensinar-lhe os riscos que determinada substância traz à sua saúde e colocá-lo em contato com pessoas que já foram dependentes.

A terceira frente de batalha é o tratamento. Chegar   elimina o das drogas não pelo ataque à oferta ou ao consumo, mas tratando aqueles que já estão dependentes da droga como vítimas que precisam de ajuda médica em vez de algozes que merecem repressão policial.

Das três estratégias, a que tem recebido mais aten o e recursos  , disparado, o combate ao tráfico.

Após sucessivos aumentos do orçamento destinado   guerra contra as drogas, os Estados Unidos são hoje o país que mais gasta com isso. Há 18 anos, o país dispendia 2 bilhões de dólares nesse combate. No ano 2000, o governo federal, sozinho, torrou 20 bilhões nessa guerra – outros 19 bilhões foram gastos por Estados e prefeituras. Desse total, 13,6 bilhões (68%) foram usados no combate ao tráfico de drogas e 6,4 bilhões (32%) destinaram-se a a o de redu o da demanda. Destes últimos, porém, mais da metade acabou financiando a repressão: prisão, investiga o e processo de usuários. As campanhas educativas receberam 3 bilhões.

Em 1998, houve uma tentativa de corre o de rumos. Em uma reunião da assembleia geral da ONU (com a presença do então presidente americano Bill Clinton e de Fernando Henrique Cardoso), a entidade fez uma recomenda o, que todos os países membros assinaram, de que deveria haver mais equilíbrio entre os recursos destinados à redu o da oferta e da demanda. Mas isso ainda não aconteceu.

<http://blog.brasilmetropole.com.br/2011/04/drogas-como-estamos-lidando-com-o.html>15/08/11

02. (Simulado EFOMM-2011) De acordo com o texto, as a o para frear o consumo de drogas são comparadas a uma guerra. Os termos que comprovam essa afirma o são:

- (A) abstinência total – estratégias.
- (B) combate às drogas – recomenda o.
- (C) frentes de batalha – aumentos do orçamento.
- (D) frentes de combate – estratégias.
- (E) tráfico – campanhas educativas.



D22 – Identificar o gênero de diferentes textos.

Leia o texto abaixo

“Somos feitos para a grandeza”

Stephen Covey

O homem moderno enfrenta incontáveis desafios neste mundo de mudanças rápidas, constantes e complexas. Em sua vida pessoal ou na empresa em que trabalha, os problemas que se colocam são imensos – e universais. Ao encarar tais desafios, uma ideia perigosa é se deixar seduzir pelas tendências da moda em nossa conduta no presente e no planejamento do futuro. Elas talvez ofereçam soluções rápidas para os problemas do dia-a-dia, mas se revelam enganosas a longo prazo.

A chave para atingir as mais altas aspirações e vencer os grandes desafios está em basear nossas escolhas em princípios atemporais(...) Uma pessoa não pode esperar confiança num relacionamento se ela mesma não é confiável, por exemplo. As consequências da violação desse princípio são quase sempre desastrosas.

Essas leis naturais não são uma invenção nova nem muito menos foram criadas por mim. Elas pertencem à história da humanidade e podem ser encontradas na filosofia, na literatura, nas tradições e na religião. Embora sempre tenham pautado as relações entre os homens, elas se tornam ainda mais prementes por causa da natureza do mundo de hoje.

Estamos testemunhando uma das mais significativas mudanças na história – e isso se faz sentir especialmente dentro das corporações. É sobre os gestores das empresas, sobretudo, que pesam os maiores dilemas. Esse é um problema complicado, pois a maioria das gestões ainda está estancada no modelo do trabalhador industrial, em que as pessoas são vistas como coisas a ser controladas e reguladas. Se a proposta é fazer mudanças realmente significativas nas organizações, é imperativo ter consciência de que vivemos a era do trabalhador do conhecimento, em que as pessoas são multidimensionais e completas – ou seja, feitas de corpo, mente, emoções e espírito.

Essas dimensões são representadas nas quatro motivações básicas de todas as pessoas: viver (a luta pela sobrevivência), amar (a necessidade de relacionamentos), aprender (a expectativa de crescimento e desenvolvimento) e deixar um legado (o significado da contribuição). Uma liderança que não contemple as necessidades das pessoas e dê vazão ao seu potencial corre sério risco de ficar para trás. Peter Drucker, escritor e especialista na matéria explica: “A única contribuição importante da gestão no século XX foi o aumento da produtividade do trabalhador manual, que chega a cinquenta vezes. Os bens mais valiosos das empresas no século XX eram seus equipamentos de produção. No século XXI, o bem mais valioso será o trabalhador do conhecimento e sua produtividade.”

(...) Ainda que as pessoas vivam e trabalhem sob a crescente expectativa de gerar mais lucro pelo menor custo, elas não têm permissão para usar uma maior porção de seus talentos e inteligências. Essa falta de conexão entre os gestores e seus comandados é perturbadora. Sua consequência é que os funcionários das corporações ao redor do mundo sentem-se magoados, frustrados e desencorajados. Dá para imaginar o custo pessoal e organizacional de uma empresa que deixa de encorajar a paixão, a inteligência e o talento dos próprios empregados?

Ser eficaz como indivíduo e como organização não é mais simplesmente uma opção – é o preço que temos de pagar tão-somente para continuar no jogo. Para prosperar, inovar e exceder-se num mundo em que as exigências de performance são cada vez maiores é preciso se aprofundar no conhecimento e ir além da eficácia. A realização agora passa pela busca da grandeza – para a satisfação plena, o trabalho apaixonado e a conseqüente contribuição significativa. Para isso é necessário alcançar os mais altos níveis do gênio humano e da motivação – despertar aquilo que se poderia chamar de voz própria ou alcance único e pessoal de cada um.

O maior perigo para a realização pessoal é não saber como trazer à tona essa voz própria. O caminho é fomentar os talentos e capacidades naturais e a paixão que nos motiva e nos inspira. Passa também por identificar as próprias necessidades e as daqueles que se dispõem a pagar para que o indivíduo em questão resolva seus problemas. Há ainda que se pautar pela consciência, aquela voz interna que assegura às pessoas o que certo e as motiva a fazê-lo.



Os novos tempos requerem que o uso da mente em todas as suas potencialidades seja incorporado como uma nova ferramenta, um novo hábito. Quando as pessoas se empenham e vão fundo em seus talentos, paixões, necessidades e consciência, elas são capazes de encontrar sua voz própria, seu chamado para o mundo. Encontrá-la é a oportunidade de trilhar o caminho rumo à grandeza. Só nos centrando em princípios seguros e duradouros, que vão além dos modismos, será possível alcançá-la.

(Veja, 05/01/05, p.62)

03. (SALTO - 2012) O texto, “**Somos feitos para a grandeza**” é um

- (A) artigo de opinião.
- (B) crônica crítica.
- (C) ensaio crítico.
- (D) romance.
- (E) editorial.

OS CÃES

Machado de Assis

- Mas, enfim, que pretendes fazer agora? - perguntou-me Quincas Borba, indo pôr a xícara vazia no parapeito de uma das janelas.

- Não sei; vou meter-me na Tijuca; fugir aos homens. Estou envergonhado, aborrecido. Tantos sonhos, meu caro Borba, tantos sonhos, e não sou nada.

- Nada! - interrompeu-me Quincas Borba com um gesto de indignação.

Para distrair-me, convidou-me a sair, saímos para os lados do Engenho Velho. Fomos a pé, filosofando as cousas. Nunca me há de esquecer o benefício desse passeio. A palavra daquele grande homem era o cordial da sabedoria. Disse-me ele que eu não podia fugir ao combate; se me fechavam a tribuna, cumpria-me abrir um jornal. Chegou a usar uma expressão menos elevada, mostrando assim que a língua filosófica podia uma ou outra vez, retemperar-se no calão do povo. Funda um jornal, disse-me ele, e "desmancha toda esta igreja".

- Magnífica ideia! Vou fundar um jornal, vou escachá-los, vou...

- Lutar. Podes escachá-los ou não, o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

Daí a pouco demos com uma briga de cães, fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dous. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com o furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço, e parecia em êxtase.

- Que belo que isto é! - dizia ele de quando em quando.

Quis arrancar-me dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos, etc.

04. (SALTO/2012) O texto “Os cães” de machado de Assis é um (a)

- (A) conto.
- (B) novela.
- (C) crônica.
- (D) resenha.
- (E) romance

[Digite texto]



Penalidade máxima

Fernando Sabino

Houve um tempo em que ele era moço e ia à praia. Agora era um homem de meia-idade, paletó e gravata, de regresso do trabalho, andando ao longo do mar. Lá na areia o futebol ia animado. Deteve-se, ficou olhando. Futebol de areia era uma coisa que ele nunca chegaria a entender: não tinha graça, a bola não pulava, ganhava efeito. E onde já se viu jogar descalço? Lembrava-se das pesadas chuteiras de seu tempo, com rodela de couro no tornozelo, cordões compridos dando várias voltas em torno do pé. E os cravos na sola, deste tamanho! De meter medo nas bolas altas...

Sorriu, ficou olhando; é verdade que esses meninos de hoje fazem miséria. Olha só como aquele mata a bola no peito, controla no joelho e vai levando a bichinha no ar. Mas chute forte como os de antigamente eles não têm. No seu tempo...

la se afastando, depois de acompanhar um último lance do jogo lá na areia, quando um chute espirrado atirou a bola cá fora na rua e ela veio rolando até seus pés. Olhou para um lado e para outro: algum conhecido ali por perto, era uma vez a sua compostura. Não vendo ninguém, ajeitou cuidadosamente a pelota na marca do pênalti, para cobrar a penalidade máxima. Lá embaixo os rapazes aguardavam. Tomou distância, esperou o apito do juiz e, sob o silêncio de expectativa da torcida, deu um pulinho, veio correndo, desferiu o chute. Sensação no Maracanã! Gol do Brasil.

O chute foi realmente perfeito e a bola executou a trajetória pretendida, indo cair na areia, entre os rapazes. Mas a compostura foi por água abaixo: atrás da bola, como a cápsula de um foguete-satélite, seguiu o sapato – sapato de verniz, fora a uma missa de sétimo dia naquela manhã. O sapato ultrapassou a bola e foi cair na areia lambida pelo mar.

Desequilibrado, ele começou a rodopiar, saltitando numa perna só, acabou caindo. Um dos jogadores pescou o sapato e veio trazê-lo. Ajudou-o a erguer-se:

- O senhor se machucou?
- Não foi nada.
- Antes assim.
- Isso acontece...

O rapaz se despediu cordialmente, dando-lhe um tapinha nas costas. Tentou uma careta jovial, calçou o sapato molhado e saiu chapinhando com ele no asfalto. Fazia força para não capengar – fora como se tivesse querido atirar a distância, não a bola, mas a própria perna! Teria distendido algum tendão? Longe da vista dos jogadores, sentou-se no banco da praia com um gemido. Isso acontece – repetiu para si mesmo, conformado.

Texto publicado na coletânea O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor. Editora Ática, 2006.

05. O texto “**Penalidade máxima**” pode ser classificado como

- (A) crônica.
- (B) notícia.
- (C) fábula.
- (D) conto.
- (E) artigo.

D2 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.

A Ciência é Masculina?

Attico Chassot

Editora Unisinos, RS (51) 590-8239.

104 págs. R\$ 12.

O autor procura mostrar que a ciência não é feminina. Um dos maiores exemplos que se pode dar dessa situação é o prêmio Nobel, em que apenas 11 mulheres de ciências foram laureadas em 202 anos de premiação. O livro apresenta duas hipóteses, uma histórica e outra biológica, para a possível superação do machismo em frase como a de Hipócrates (460-400 a.C.) considerado o pai da medicina, que escreveu: “A língua é a última coisa que morre em uma mulher”.

Revista GALILEU, Fevereiro de 2004.

01. (PROVA BRASIL) A expressão “dessa situação” (l. 2) refere-se ao fato de

- (A) a ciência não ser feminina.
- (B) a premiação possuir 202 anos.
- (C) a língua ser a última coisa que morre em uma mulher.
- (D) o pai da medicina ser Hipócrates.
- (E) o Prêmio Nobel foi concedido a 11 mulheres.

DROGAS – Como estamos lidando com o problema?

Postado por **Brasil Metrópole**



O modelo atual de combate às drogas busca nada mais nada menos que a abstinência completa das substâncias ilegais. Qualquer outro resultado que não passe pelo abandono dessas substâncias de uma vez por todas é considerado um fracasso. O argumento para chegar lá é forte: quem não largar o baseado ou a seringa vai para a cadeia.

Essa guerra tem três frentes de batalha. A primeira é tentar acabar com a oferta, ou seja, combater os fornecedores, os narcotraficantes. A Polícia Federal brasileira, que apreende toneladas de entorpecentes todo ano, trabalha nessa frente. Outro exemplo saído desse front foi a substituição de cultivo realizada na Bolívia e no Peru, **pela qual** os agricultores receberam incentivos para trocar a lavoura de coca por outras culturas.

A segunda frente de combate é a redução da demanda. Há duas maneiras de convencer o sujeito a não usar drogas, ou seja, de prevenir o uso das drogas. Além de ameaçar prendê-lo, processá-lo e condená-lo – ou seja, reprimi-lo –, pode-se tentar educá-lo: ensinar-lhe os riscos que determinada substância traz à sua saúde e colocá-lo em contato com pessoas que já foram dependentes.

A terceira frente de batalha é o tratamento. Chegar à eliminação das drogas não pelo ataque à oferta ou ao consumo, mas tratando aqueles que já estão dependentes da droga como vítimas que precisam de ajuda médica em vez de algozes que merecem repressão policial.

Das três estratégias, a que tem recebido mais atenção e recursos é, disparado, o combate ao tráfico.

Após sucessivos aumentos do orçamento destinado à guerra contra as drogas, os Estados Unidos são hoje o país que mais gasta com isso. Há 18 anos, o país dispendia 2 bilhões de dólares nesse combate. No ano 2000, o governo federal, sozinho, torrou 20 bilhões nessa guerra – outros 19 bilhões foram gastos por Estados e prefeituras. Desse total, 13,6 bilhões (68%) foram usados no



combate ao tráfico de drogas e 6,4 bilhões (32%) destinaram-se a ações de redução da demanda. Destes últimos, porém, mais da metade acabou financiando a repressão: prisão, investigação e processo de usuários. As campanhas educativas receberam 3 bilhões.

Em 1998, houve uma tentativa de correção de rumos. Em uma reunião da assembleia geral da ONU (com a presença do então presidente americano Bill Clinton e de Fernando Henrique Cardoso), a entidade fez uma recomendação, que todos os países membros assinaram, de que deveria haver mais equilíbrio entre os recursos destinados à redução da oferta e da demanda. Mas isso ainda não aconteceu.

<http://blog.brasilmetrople.com.br/2011/04/drogas-como-estamos-lidando-com-o.html15/08/11>

02. O termo “pela qual” no final do segundo parágrafo do texto faz referência a

- (A) a três guerras com frentes de batalhas no combate ao tráfico.
- (B) Polícia Federal brasileira que apreende narcotraficantes.
- (C) primeira tentativa de acabar com os fornecedores narcotraficantes.
- (D) substituição do cultivo de coca por outras culturas.

Leia o texto abaixo

“Somos feitos para a grandeza”

Stephen Covey

O homem moderno enfrenta incontáveis desafios neste mundo de mudanças rápidas, constantes e complexas. Em sua vida pessoal ou na empresa em que trabalha, os problemas que se colocam são imensos – e universais. Ao encarar tais desafios, uma ideia perigosa é se deixar seduzir pelas tendências da moda em nossa conduta no presente e no planejamento do futuro. Elas talvez ofereçam soluções rápidas para os problemas do dia-a-dia, mas se revelam enganosas a longo prazo.

A chave para atingir as mais altas aspirações e vencer os grandes desafios está em basear nossas escolhas em princípios atemporais(...) Uma pessoa não pode esperar confiança num relacionamento se ela mesma não é confiável, por exemplo. As consequências da violação desse princípio são quase sempre desastrosas.

Essas leis naturais não são uma invenção nova nem muito menos foram criadas por mim. Elas pertencem à história da humanidade e podem ser encontradas na filosofia, na literatura, nas tradições e na religião. Embora sempre tenham pautado as relações entre os homens, elas se tornam ainda mais prementes por causa da natureza do mundo de hoje.

Estamos testemunhando uma das mais significativas mudanças na história – e isso se faz sentir especialmente dentro das corporações. É sobre os gestores das empresas, sobretudo, que pesam os maiores dilemas. Esse é um problema complicado, pois a maioria das gestões ainda está estancada no modelo do trabalhador industrial, em que as pessoas são vistas como coisas a ser controladas e reguladas. Se a proposta é fazer mudanças realmente significativas nas organizações, é imperativo ter consciência de que vivemos a era do trabalhador do conhecimento, em que as pessoas são multidimensionais e completas – ou seja, feitas de corpo, mente, emoções e espírito.

Essas dimensões são representadas nas quatro motivações básicas de todas as pessoas: viver (a luta pela sobrevivência), amar (a necessidade de relacionamentos), aprender (a expectativa de crescimento e desenvolvimento) e deixar um legado (o significado da contribuição). Uma liderança que não contemple as necessidades das pessoas e dê vazão ao seu potencial corre sério risco de ficar para trás. Peter Drucker, escritor e especialista na matéria explica: “A única contribuição importante da gestão no século XX foi o aumento da produtividade do trabalhador manual, que chega a cinquenta vezes. Os bens mais valiosos das empresas no século XX eram seus equipamentos de produção. No século XXI, o bem mais valioso será o trabalhador do conhecimento e sua produtividade.”

(...) Ainda que as pessoas vivam e trabalhem sob a crescente expectativa de gerar mais lucro pelo menor custo, elas não têm permissão para usar uma maior porção de seus talentos e inteligências. Essa falta de conexão entre os gestores e seus comandados é perturbadora. Sua consequência é que os funcionários das corporações ao redor do mundo sentem-se magoados,

[Digite texto]

frustrados e desencorajados. Dá para imaginar o custo pessoal e organizacional de uma empresa que deixa de encorajar a paixão, a inteligência e o talento dos próprios empregados?

Ser eficaz como indivíduo e como organização não é mais simplesmente uma opção – é o preço que temos de pagar tão-somente para continuar no jogo. Para prosperar, inovar e exceder-se num mundo em que as exigências de performance são cada vez maiores é preciso se aprofundar no conhecimento e ir além da eficácia. A realização agora passa pela busca da grandeza – para a satisfação plena, o trabalho apaixonado e a conseqüente contribuição significativa. Para isso é necessário alcançar os mais altos níveis do gênio humano e da motivação – despertar aquilo que se poderia chamar de voz própria ou alcance único e pessoal de cada um.

O maior perigo para a realização pessoal é não saber como trazer à tona essa voz própria. O caminho é fomentar os talentos e capacidades naturais e a paixão que nos motiva e nos inspira. Passa também por identificar as próprias necessidades e as daqueles que se dispõem a pagar para que o indivíduo em questão resolva seus problemas. Há ainda que se pautar pela consciência, aquela voz interna que assegura às pessoas o que certo e as motiva a fazê-lo.

Os novos tempos requerem que o uso da mente em todas as suas potencialidades seja incorporado como uma nova ferramenta, um novo hábito. Quando as pessoas se empenham e vão fundo em seus talentos, paixões, necessidades e consciência, elas são capazes de encontrar sua voz própria, seu chamado para o mundo. Encontrá-la é a oportunidade de trilhar o caminho rumo à grandeza. Só nos centrando em princípios seguros e duradouros, que vão além dos modismos, será possível alcançá-la.

(Veja, 05/01/05, p.62)

03. (SALTO – 2012) No trecho, **Elas** pertencem à história da humanidade e podem ser encontradas na filosofia, na literatura, nas tradições e na religião. O termo grifado refere-se

- (A) as emoções.
- (B) as mudanças.
- (C) as leis naturais.
- (D) aos equipamentos.
- (E) aos relacionamentos

Leia a charge e responda a questão.



04. (SALTO/2012) A palavra “também” presente no segundo balão evita a repetição do termo

- (A) “Bandido pobre fica preso.”
- (B) “Bandido rico fica preso.”
- (C) “Bandido dependente fica preso.”

[Digite texto]



- (D) “Bandido tem que ser preso.”
(E) “Bandido velho fica preso.”

Penalidade máxima

Fernando Sabino

Houve um tempo em que ele era moço e ia à praia. Agora era um homem de meia-idade, paletó e gravata, de regresso do trabalho, andando ao longo do mar. Lá na areia o futebol ia animado. Deteve-se, ficou olhando. Futebol de areia era uma coisa que ele nunca chegaria a entender: não tinha graça, a bola não pulava, ganhava efeito. E onde já se viu jogar descalço? Lembrava-se das pesadas chuteiras de seu tempo, com rodela de couro no tornozelo, cordões compridos dando várias voltas em torno do pé. E os cravos na sola, deste tamanho! De meter medo nas bolas altas...

Sorriu, ficou olhando; é verdade que esses meninos de hoje fazem miséria. Olha só como aquele mata a bola no peito, controla no joelho e vai levando a bichinha no ar. Mas chute forte como os de antigamente eles não têm. No seu tempo...

la se afastando, depois de acompanhar um último lance do jogo lá na areia, quando um chute espirrado atirou a bola cá fora na rua e ela veio rolando até seus pés. Olhou para um lado e para outro: algum conhecido ali por perto, era uma vez a sua compostura. Não vendo ninguém, ajeitou cuidadosamente a pelota na marca do pênalti, para cobrar a penalidade máxima. Lá embaixo os rapazes aguardavam. Tomou distância, esperou o apito do juiz e, sob o silêncio de expectativa da torcida, deu um pulinho, veio correndo, desferiu o chute. Sensação no Maracanã! Gol do Brasil.

O chute foi realmente perfeito e a bola executou a trajetória pretendida, indo cair na areia, entre os rapazes. Mas a compostura foi por água abaixo: atrás da bola, como a cápsula de um foguete-satélite, seguiu o sapato – sapato de verniz, fora a uma missa de sétimo dia naquela manhã. O sapato ultrapassou a bola e foi cair na areia lambida pelo mar.

Desequilibrado, ele começou a rodopiar, saltitando numa perna só, acabou caindo. Um dos jogadores pescou o sapato e veio trazê-lo. Ajudou-o a erguer-se:

- O senhor se machucou?
- Não foi nada.
- Antes assim.
- Isso acontece...

O rapaz se despediu cordialmente, dando-lhe um tapinha nas costas. Tentou uma careta jovial, calçou o sapato molhado e saiu chapinhando com ele no asfalto. Fazia força para não capengar – fora como se tivesse querido atirar a distância, não a bola, mas a própria perna! Teria distendido algum tendão? Longe da vista dos jogadores, sentou-se no banco da praia com um gemido. Isso acontece – repetiu para si mesmo, conformado.

Texto publicado na coletânea O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor. Editora Ática, 2006.

05. (FADESP/com adaptação) No penúltimo parágrafo do texto “Penalidade máxima”, a expressão “isso acontece”, também repetida no diálogo do último parágrafo, referem-se, respectivamente, ao
- (A) tombo da personagem e à perda de compostura.
 - (B) chute forte da personagem e ao estrago de seu sapato.
 - (C) chute forte da personagem e ao desequilíbrio que lhe causou.
 - (D) tombo da personagem e à perda de habilidade com a bola.
 - (E) tombo da personagem e ao diálogo com o jogador.

D4 Inferir uma informação implícita em um texto.

Canguru

Todo mundo sabe (será?) que canguru vem de uma língua nativa australiana e quer dizer “Eu Não Sei”. Segundo a lenda, o Capitão Cook, explorador da Austrália, ao ver aquele estranho animal dando saltos de mais de dois metros de altura, perguntou a um nativo como se chamava o dito. O nativo respondeu guugu yimidhrr, em língua local, Gan-guruu, “Eu não sei”. Desconfiado que sou dessas divertidas origens, pesquisei em alguns dicionários etimológicos. Em nenhum dicionário se fala nisso. Só no Aurélio, nossa pequena Bíblia – numa outra versão. Definição precisa encontrei, como quase sempre, em Partridge:

Kangaroo; wallaby

As palavras kanga e walla, significando saltar e pular, são acompanhadas pelos sufixos rō e by, dois sons aborígenes da Austrália, significando quadrúpedes.

Portanto quadrúpedes puladores e quadrúpedes saltadores.

Quando comuniquei a descoberta a Paulo Rónai, notável linguista e grande amigo de Aurélio Buarque de Holanda, Paulo gostou de saber da origem “real” do nome canguru.

Mas acrescentou: “Que pena. A outra versão é muito mais bonitinha”. Também acho.

Millôr Fernandes, 26/02/1999, In <http://www.gravata.com/millor>.

01. (PROVA BRASIL) Pode-se inferir do texto que

- (A) as descobertas científicas têm de ser comunicadas aos linguistas.
- (B) os dicionários etimológicos guardam a origem das palavras.
- (C) os cangurus são quadrúpedes de dois tipos: puladores e saltadores.
- (D) o dicionário Aurélio apresenta tendência religiosa.
- (E) os nativos desconheciam o significado de canguru.

DROGAS – Como estamos lidando com o problema?

Postado por **Brasil Metrópole**



O modelo atual de combate às drogas busca nada mais nada menos que a abstinência completa das substâncias ilegais. Qualquer outro resultado que não passe pelo abandono dessas substâncias de uma vez por todas é considerado um fracasso. O argumento para chegar lá é forte: quem não largar o baseado ou a seringa vai para a cadeia.

Essa guerra tem três frentes de batalha. A primeira é tentar acabar com a oferta, ou seja, combater os fornecedores, os narcotraficantes. A Polícia Federal brasileira, que apreende toneladas de entorpecentes todo ano, trabalha nessa frente. Outro exemplo saído desse front foi a substituição de cultivo realizada na Bolívia e no Peru, **pela qual** os agricultores receberam incentivos para trocar a lavoura de coca por outras culturas.

A segunda frente de combate é a redução da demanda. Há duas maneiras de convencer o sujeito a não usar drogas, ou seja, de prevenir o uso das drogas. Além de ameaçar prendê-lo, processá-lo e condená-lo – ou seja, reprimi-lo –, pode-se tentar educá-lo: ensinar-lhe os riscos que determinada substância traz à sua saúde e colocá-lo em contato com pessoas que já foram dependentes.

A terceira frente de batalha é o tratamento. Chegar à eliminação das drogas não pelo ataque à oferta ou ao consumo, mas tratando aqueles que já estão dependentes da droga como vítimas que precisam de ajuda médica em vez de algozes que merecem repressão policial.

Das três estratégias, a que tem recebido mais atenção e recursos é, disparado, o combate ao tráfico.

Após sucessivos aumentos do orçamento destinado à guerra contra as drogas, os Estados Unidos são hoje o país que mais gasta com isso. Há 18 anos, o país dispendia 2 bilhões de dólares nesse combate. No ano 2000, o governo federal, sozinho, torrou 20 bilhões nessa guerra – outros 19 bilhões foram gastos por Estados e prefeituras. Desse total, 13,6 bilhões (68%) foram usados no combate ao tráfico de drogas e 6,4 bilhões (32%) destinaram-se a ações de redução da demanda. Destes últimos, porém, mais da metade acabou financiando a repressão: prisão, investigação e processo de usuários. As campanhas educativas receberam 3 bilhões.

Em 1998, houve uma tentativa de correção de rumos. Em uma reunião da assembleia geral da ONU (com a presença do então presidente americano Bill Clinton e de Fernando Henrique Cardoso), a entidade fez uma recomendação, que todos os países membros assinaram, de que deveria haver mais equilíbrio entre os recursos destinados à redução da oferta e da demanda. Mas isso ainda não aconteceu.

<http://blog.brasilmetropole.com.br/2011/04/drogas-como-estamos-lidando-com-o.html15/08/11>

02. (Simulado EFOMM-2011) A leitura do texto permite afirmar que
- (A) a preocupação com o consumo de drogas leva os países a criarem várias estratégias para combatê-las.
 - (B) a maior parte da verba que os Estados Unidos investem é para as ações de redução de demanda.
 - (C) não há planos de combate às drogas nos países da América do Sul, como Bolívia, Brasil e Peru.
 - (D) o Brasil e os Estados Unidos recusaram-se a assinar a recomendação da ONU.
 - (E) os países sul-americanos investem mais no combate às drogas do que os países norte-americanos.

Do estilo

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
Convém que se repita...
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita.

QUINTANA, Mário. In: Os melhores poemas de Mário Quintana. 2 ed. São Paulo: Global, 1985.

03. (MATRIZ L.P – BA/2004) Que opção apresenta uma ideia contida no texto?
- (A) A repetição de palavras é um recurso fundamental de estilo.
 - (B) No discurso amoroso, a repetição de palavras é valorizada.
 - (C) A repetição de palavras resgata sentimentos nobres.
 - (D) A limitação da linguagem humana exige a repetição de palavras.
 - (E) É desaconselhável a repetição de palavras na linguagem poética.



04. (SALTO/2012) Pode-se inferir a partir da leitura da charge que

[Digite texto]



- (A) bandidos são presos mesmo quando são menores de idades.
- (B) bandidos são presos independentemente da situação financeira.
- (C) o saldo bancário, quando alto, interfere na prisão do bandido.
- (D) o saldo bancário, quando alto não interfere na prisão do bandido.
- (E) tanto os bandidos ricos como os bandidos pobres são presos.

Penalidade máxima

Fernando Sabino

Houve um tempo em que ele era moço e ia à praia. Agora era um homem de meia-idade, paletó e gravata, de regresso do trabalho, andando ao longo do mar. Lá na areia o futebol ia animado. Deteve-se, ficou olhando. Futebol de areia era uma coisa que ele nunca chegaria a entender: não tinha graça, a bola não pulava, ganhava efeito. E onde já se viu jogar descalço? Lembrava-se das pesadas chuteiras de seu tempo, com rodela de couro no tornozelo, cordões compridos dando várias voltas em torno do pé. E os cravos na sola, deste tamanho! De meter medo nas bolas altas...

Sorriu, ficou olhando; é verdade que esses meninos de hoje fazem miséria. Olha só como aquele mata a bola no peito, controla no joelho e vai levando a bichinha no ar. Mas chute forte como os de antigamente eles não têm. No seu tempo...

La se afastando, depois de acompanhar um último lance do jogo lá na areia, quando um chute espirrado atirou a bola cá fora na rua e ela veio rolando até seus pés. Olhou para um lado e para outro: algum conhecido ali por perto, era uma vez a sua compostura. Não vendo ninguém, ajeitou cuidadosamente a pelota na marca do pênalti, para cobrar a penalidade máxima. Lá embaixo os rapazes aguardavam. Tomou distância, esperou o apito do juiz e, sob o silêncio de expectativa da torcida, deu um pulinho, veio correndo, desferiu o chute. Sensação no Maracanã! Gol do Brasil.

O chute foi realmente perfeito e a bola executou a trajetória pretendida, indo cair na areia, entre os rapazes. Mas a compostura foi por água abaixo: atrás da bola, como a cápsula de um foguete-satélite, seguiu o sapato – sapato de verniz, fora a uma missa de sétimo dia naquela manhã. O sapato ultrapassou a bola e foi cair na areia lambida pelo mar.

Desequilibrado, ele começou a rodopiar, saltitando numa perna só, acabou caindo. Um dos jogadores pescou o sapato e veio trazê-lo. Ajudou-o a erguer-se:

- O senhor se machucou?
- Não foi nada.
- Antes assim.
- Isso acontece...

O rapaz se despediu cordialmente, dando-lhe um tapinha nas costas. Tentou uma careta jovial, calçou o sapato molhado e saiu chapinhando com ele no asfalto. Fazia força para não capengar – fora como se tivesse querido atirar a distância, não a bola, mas a própria perna! Teria distendido algum tendão? Longe da vista dos jogadores, sentou-se no banco da praia com um gemido. Isso acontece – repetiu para si mesmo, conformado.

Texto publicado na coletânea O mundo é uma bola: crônicas, futebol & humor. Editora Ática, 2006.

05. (FADESP/com adaptação) Com base na leitura do texto, pode-se inferir que há palavras que podem levar o leitor para o momento em que os fatos ocorrem em

- (A) “Futebol de areia era uma coisa que ele nunca chegaria a entender: não tinha graça, a bola não pulava, ganhava efeito. E onde já se viu jogar descalço?”
- (B) “Olhou para um lado e para outro: algum conhecido ali por perto, era uma vez a sua compostura.”
- (C) “Olha só como aquele mata a bola no peito, controla no joelho e vai levando a bichinha no ar.”
- (D) “Tomou distância, esperou o apito do juiz e, sob o silêncio de expectativa da torcida, deu um pulinho, veio correndo, desferiu o chute.”
- (E) “O rapaz se despediu cordialmente, dando-lhe um tapinha nas costas. Tentou uma careta jovial, calçou o sapato molhado e saiu chapinhando com ele no asfalto.”



D10 Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

13 de Dezembro

Passei de carro pela Esplanada e vi a multidão. Estranhei aquilo. O motorista me lembrou: “Hoje é 13 de dezembro, dia de Santa Luzia. A igreja dela está cheia, ela protege os olhos da gente”.

Agradei a informação, mas fiquei inquieto. Bolas, o 13 de dezembro tinha alguma coisa a ver comigo e nada com Santa Luzia e sua eficácia nas doenças que ainda não tenho. O que seria?

Aniversário de um amigo? Uma data inconfessável, que tivesse marcado um relacionamento para o bom ou para o pior?

Não lembrava de nada de importante naquele dia, mas ele piscava dentro de mim. E as horas se passaram iluminadas pelo intermitente piscar da luzinha vermelha dentro de mim. 13 de dezembro! Preciso tomar um desses tonificantes da memória, vivo em parte dela e não posso ter brancos assim, um dia importante e não me lembro por quê.

Somente à noite, quando não eramais 13 de dezembro, ao fechar o livro que estava lendo, de repente a luz parou de piscar e iluminou com nitidez a cena noturna: eu chegando no prédio em que morava, no Leme, a Kombi que saiu dos fundos da garagem, o homem que se aproximou e me avisou que o comandante do Exército queria falar comigo.

Eram 11 horas da noite, estranhei aquele convite, nada tinha a falar com o general Sarmento e não acreditava que ele tivesse alguma coisa a falar comigo.

Mas o homem insistiu. E outro homem que saíra da Kombi já entrava dentro do meu carro, com uma pequena metralhadora. Naquela mesma hora, a mesma cena se repetia pelo Brasil afora, o governo baixara o AI-5, eu nem ouvira o decreto lido no rádio. Num motel da Barra, eu estivera à toa na vida, e meu amor me chamara e eu não vira a banda passar.

Tantos anos depois, ninguém me chama nem me convida para falar com o comandante do 1º Exército. O país talvez tenha melhorado, mas eu certamente piorei.

(CONY, Carlos Heitor. Folha de São Paulo. 16/12/2001.)

01. (PROVA BRASIL) No texto, o que gera a inquietação do narrador é o fato de ele

- (A) constatar que não era um dia importante.
- (B) não se lembrar de algo muito importante.
- (C) saber que era dia de Santa Luzia.
- (D) ver uma grande multidão na Esplanada.
- (E) verificar que a igreja estava cheia de fiéis.

A VELHA CONTRABANDISTA

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega a mandou parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim para ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no dentista, e respondeu:

- É areia!



Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou que a velhinha fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha vovozinha, eu sou fiscal da Alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não vou dar parte, não apreendo não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

- O senhor promete que não “espaia”? – quis saber a velhinha.

- Juro – respondeu o fiscal.

- É lambreta.

02. (SALTO/2012) O pessoal da Alfândega via a velhinha passar de lambreta constantemente. Nos primeiros parágrafos do texto há palavras que indicam que se trata de uma personagem de ficção ou de uma história inventada, indeterminada. Os trechos que confirmam esta informação são:

(A) a velhinha parou e então o fiscal perguntou para ela/ o fiscal da Alfândega a mandou parar.

(B) a velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam/ aí quem sorriu foi o fiscal achando que não era areia.

(C) diz que era uma velha que sabia andar de lambreta/ um dia, quando ela vinha de lambreta com o saco atrás.

(D) escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia/ que diabo a senhor leva nesse saco?

(E) todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta/ o pessoal da Alfândega começou a desconfiar.

O AVENTUREIRO ULISSES

(Ulisses Serapião Rodrigues)

Ainda tinha duzentos réis. E como eram sua única fortuna, meteu a mão no bolso e segurou a moeda. Ficou com ela na mão fechada.

Nesse instante estava na Avenida Celso Garcia. E sentia no peito todo o frio da manhã.

Duzentão. Quer dizer: dois sorvetes de casquinha. Pouco.

Ah! muito sofre quem padece. Muito sofre quem padece? É uma canção de Sorocaba. Não. Não é. Então que é? Mui-to so-fre quem pa-de-ce. Alguém dizia isto sempre. Etelvina? Seu Cosme? Com certeza Etelvina que vivia amando toda a gente. Até ele. Sujeitinha impossível. Só vendo o jeito de olhar dela.

Bobagens. O melhor é ir andando.

Foi.

Pé no chão é bom só na roça. Na cidade é uma porcaria. Toda a gente estranha. É verdade. Agora é que ele reparava direito: ninguém andava descalço. Sentiu um mal-estar horrível. As mãos a gente ainda escondia nos bolsos. Mas os pés? Causa horrorosa. Desafogou a cintura. Puxou as calças para baixo. Encolheu os artelhos. Deu dez passos assim. Pipocas. Não dava jeito mesmo. Pipocas. A gente da cidade que vá bugiar no inferno. Ajustou a cintura. Levantou as calças acima dos tornozelos. Acintosamente. E muito vermelho foi jogando os pés na calçada. Andando duro como se estivesse calçado.

[Digite texto]



<http://vidasimples.abril.com.br/>

03. (CAEd/ufjf - 2009) O enredo se desenvolve a partir da
- (A) elegância do personagem.
 - (B) alegria do personagem.
 - (C) fome do personagem.
 - (D) cor do personagem.
 - (E) penúria do personagem.

O reizinho mandão

Ruth Rocha

Era um velho miudinho, que falava pelos cotovelos. Se fosse antes de ter acontecido toda essa história, aposto que o reizinho ia logo mandar que ele calasse a boca.

Mas agora o reizinho estava muito diferente!

Até pediu desculpas por estar incomodando...

E quando o sábio interrompia o rei, ele nem ligava, ficava dando umas risadinhas, pra agradar o velho.

Vocês precisam ver o pito que o velho passou no reizinho!

- Pois é – ele dizia. – Vai mandando calar a boca, não é? Depois aguenta! É isso que dá!

E o velho andava de um lado pro outro, balançava a cabeça, sacudia o dedo, bem no nariz do rei.

E o rei não podia fazer nada, que ele não era rei daquele lugar. Nem nada, e até estava na casa do sábio...

De repente, o velho sossegou junto do reizinho e disse:

- Olha aqui, mocinho. Esse negócio de ser rei não é assim, não! Não é só ir mandando pra cá, ir mandando pra lá. Tem que ter juízo e sabedoria. As coisas que um rei faz fazem acontecer outras coisas. Veja só o seu caso: mandou que mandou! Inventou uma porção de leis bobocas. Mandou todo mundo calar a boca, calar a boca, calar a boca! De certo, com medo de que todo mundo dissesse que você estava fazendo bobagens. Pois todo mundo calou! Não era isso que você queria?

O reizinho baixou a cabeça desapontado...

- E não adianta emburrar, não! – continuou o velho.

- Agora você tem que dar um jeito nessa situação.

- É isso mesmo que eu quero – falou o reizinho. – O senhor me diga o que devo fazer, que eu faço!

- Pois muito bem! – falou o velho. – O que você tem que fazer é sair seu reino batendo de porta em porta. Se conseguir encontrar uma criança, uma só, que ainda saiba falar, ela vai dizer a você o que precisa ouvir. E nesse dia seu reino vai ficar livre dessa maldição.

04. (SALTO/2012) A partir da leitura do texto “ O reizinho mandão”, pode-se concluir que o ponto principal da narrativa acontece quando

- (A) o reizinho mandão encontrava-se arrependido de suas atitudes em mandar demais de forma inconsciente.
- (B) o Reizinho sabia tudo e aplicava a suas próprias leis sem prejuízo para sua comunidade, por isto estava satisfeito.
- (C) as palavras do sábio convenceram o reizinho mandão que estava despreocupado com o silêncio das pessoas.
- (D) palavra de rei não pode ser revogada, por isso o rei não se arrependeu de suas atitudes e não aceitou os conselhos do sábio.
- (E) quando se manda alguém calar a boca, as coisas acontecem melhor, pois a ideia de um só é mais importante para a coletividade.

[Digite texto]

Um Cinturão (fragmento)

Graciliano Ramos

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.

Os golpes que recebi antes do caso do cinturão, puramente físicos, desapareciam quando findava a dor. Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. [...] Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó. [...]. A história do cinturão, que veio pouco depois, avivou-a.

Meu pai dormia na rede, armada na sala enorme. [...]. Sei que estava bastante zangado, e isto me trouxe a covardia habitual. Desejei vê-lo dirigir-se a minha mãe e a José Baía, pessoas grandes, que não levavam pancada. Tentei ansiosamente fixar-me nessa esperança frágil. A força de meu pai encontraria resistência e gastar-se-ia em palavras.

[...] Só queria que minha mãe, sinhá Leopoldina, Amaro e José Baía surgissem de repente, me livrassem daquele perigo.

Ninguém veio, meu pai me descobriu acororado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação.

Não consigo reproduzir toda a cena. Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremura infeliz. [...]

Onde estava o cinturão? Impossível responder. Ainda que tivesse escondido o infame objeto, emudeceria, tão apavorado me achava. Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as consequências delas me acompanharam.

[...]

Onde estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo.

[...]

Minha mãe, José Baía, Amaro, sinhá Leopoldina, o moleque e os cachorros da fazenda abandonaram-me. Aperto na garganta, a casa a girar, o meu corpo a cair lento, voando, abelhas de todos os cortiços enchendo-me os ouvidos — e, nesse zunzum, a pergunta medonha. Náusea, sono. Onde estava o cinturão? Dormir muito, atrás dos caixões, livre do martírio.

Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro. José Baía, meu amigo, era um pobre-diabo.

[...]

Junto de mim, um homem furioso, segurando-me um braço, açoitando-me. Talvez as vergastadas não fossem muito fortes: comparadas ao que senti depois, quando me ensinaram a carta de A B C, valiam pouco. Certamente o meu choro, os saltos, as tentativas para rodopiar na sala como carrapeta, eram menos um sinal de dor que a explosão do medo reprimido. Estivera sem bulir, quase sem respirar. Agora esvaziava os pulmões, movia-me, num desespero.

O suplício durou bastante, mas, por muito prolongado que tenha sido, não igualava a mortificação da fase preparatória: o olho duro a magnetizar-me, os gestos ameaçadores, a voz rouca a mastigar uma interrogação incompreensível.

Solto, fui enroscar-me perto dos caixões, coçar as pisaduras, engolir soluços, gemer baixinho e embalar-me com os gemidos. Antes de adormecer, cansado, vi meu pai dirigir-se à rede, afastar as varandas, sentar-se e logo se levantar, agarrando uma tira de sola, o maldito cinturão, a que desprendera a fivela quando se deitara. Resmungou e entrou a passear agitado. Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram o refúgio onde me abatia, aniquilado.



Pareceu-me que a figura imponente minguava — e a minha desgraça diminuiu. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou.

Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra.

Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça.

“Um Cinturão” – 1945 – de Graciliano Ramos

05. A partir da leitura do conto “Um cinturão” pode-se afirmar que o conflito gerador da história está em (A) “Ninguém veio, meu pai me descobriu acorçado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão.”

(B) “Minha mãe, José Baía, Amaro, sinhá Leopoldina, o moleque e os cachorros da fazenda abandonaram-me.”

(C) “ Os golpes que recebi antes do caso do cinturão, puramente físicos, desapareciam quando findava a dor.”

(D) “Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote.”

(E) “Antes de adormecer, cansado, vi meu pai dirigir-se à rede, [...], agarrando uma tira de sola, o maldito cinturão, a que desprendera a fivela quando se deitara.”

D11 Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.

A fadiga da informação

(Fragmento)

Há uma nova doença no mundo: a fadiga da informação. Antes mesmo da Internet, o problema já era sério, tantos e tão velozes eram os meios de informação existentes, tráfego nas asas da eletrônica, da informação, dos satélites. A Internet levou o processo ao apogeu, criando a espécie dos internautas e estourando os limites da capacidade humana de assimilar os conhecimentos e os acontecimentos desse mundo. Pois os instrumentos de comunicação se multiplicam, mas o potencial de captação humana – do ponto de vista físico, mental e psicológico – continua restrito. Então, diante do bombardeio crescente de informações, a reação de muitos tende a tornar-se doentia: ficam estressados, perturbam-se e perdem a eficiência no trabalho.

Já não se trata de imaginar como esse fenômeno possa ocorrer. Na verdade, a síndrome da fadiga da informação está em plena evidência, conforme pesquisa recente nos Estados Unidos, na Inglaterra e em outros países, junto a 1300 executivos. Entre os sintomas da doença apontam-se a paralisia da capacidade analítica, o aumento das ansiedades e das dúvidas, a inclinação para decisões equivocadas e até levianas.

MARZAGÃO, Augusto. In: DIMENSTEIN, Gilberto. Aprendiz do futuro: cidadania hoje e amanhã. São Paulo: Editora Ática, 1999.

01. (PROVA BRASIL) A síndrome da fadiga da informação ocorre porque

- (A) a internet é muito rápida nas informações que veicula.
- (B) a captação humana de informações é restrita e a oferta é infinita.
- (C) os meios de informação geram ansiedade em seus usuários.
- (D) os instrumentos de comunicação conduzem a decisões erradas.
- (E) a capacidade humana se paralisa dado o volume de conhecimento.

Artigo: CRACK, A PEDRINHA MALDITA

Por **Júlio César**

Articulista do Jornal Tribuna Popular – Coluna SEUS DIREITOS
O vício que leva à insanidade mental – Artigo publicado na edição 28
(09/06/07)



Uma mãe do Loteamento Ilha em Ponte dos Carvalhos nos traz um caso triste, mas que já tem atingido várias famílias da Região Metropolitana do Recife e chega ao Cabo, ao que parece, com força total. Ela relata que seu filho, de 21 anos, era viciado em maconha, porém, há alguns meses o mesmo mudou o comportamento habitual, tendo crises de raiva, com verdadeiros acessos de loucura. Ela investigou e descobriu que ele, junto com alguns amigos, estão consumindo o famigerado crack. Diz ela que ele passou a vender seus pertences, tais como carro, um terreno na praia e está com medo que ele acabe destruindo o resto do seu patrimônio. Ela quer saber o que fazer.

Antes da possível solução, um parágrafo sobre a questão do crack. Vi recentemente um estudo sobre essa droga, realizado pela Universidade de Nova Jersey e publicado na Folha de São Paulo, que comprovou que 80% das pessoas que a experimentam pela primeira vez já se tornam viciados. Isso é assustador, se considerarmos que muitas vezes o sujeito, apenas por curiosidade, resolve experimentá-la, principalmente aqueles que já estão habituados com o uso da maconha. As consequências dessa droga são avassaladoras, a exemplo das que a nossa leitora nos relatou acima.



Voltando a questão da leitora, indico que deve a mesma, além de procurar um tratamento médico adequado para o seu filho, providenciar de imediato a interdição do mesmo via um processo de CURATELA. Esse recurso está previsto no novo Código Civil no art. 1.767, que dispõe que os viciados em tóxicos estão sujeitos a curatela.

Após a interdição ele não poderá mais dilapidar o seu patrimônio, que ficará sobre a responsabilidade do curador. Espero que este caso sirva de alerta para as autoridades policiais locais e para os gestores da saúde pública para o problema da entrada dessa droga em nossa cidade.

<http://tribunapopular.wordpress.com/2007/06/08/artigo-crack-a-pedrinha-maldita/> acessado em 26/09/11

02. A partir da leitura do texto, pode-se concluir que o filho de uma mãe que morava no Loteamento Ilha mudou seu comportamento porque

- (A) fumava maconha.
- (B) consumia crack.
- (C) vendia seus pertences.
- (D) destruía o patrimônio.
- (E) estudava sobre a droga.

O Brasil não deve fabricar a bomba atômica

A bomba atômica não é elemento efetivo de segurança nacional. Seu emprego como dissuasório, ainda que discutível, só vale no plano das duas grandes potências nucleares, que não são grandes porque têm a bomba atômica, mas têm a bomba atômica porque são grandes.

Nas mãos de potências menores, a bomba atômica perde muito desse sentido e representa mais um risco de guerra do que uma garantia de paz. Sua presença no arsenal de países mal-organizados e, portanto, sem a infra-estrutura não só militar, como civil, que dá o sentido pleno de segurança nacional, é uma tentação perigosa de querer compensar o desequilíbrio efetivo por uma ação de surpresa. A bomba atômica adquire nesse caso um sentido de ofensiva. Não vejo como qualquer razão de segurança nacional poderia levar o Brasil de hoje a uma aventura cara e ao mesmo tempo inútil. A bomba atômica também não é condição necessária para o desenvolvimento nuclear de um país. [...]

CUNHA, Almirante Otacílio. Revista Realidade.

03. (MATRIZ L.P – BA/2004) Que opção apresenta uma relação correta de causa e consequência entre os elementos do texto, segundo o autor?

- (A) “bomba atômica” (linha 4); “garantia de paz” (linha 5).
- (B) “são grandes [potências]” (linhas 3); “bomba atômica” (linha 3).
- (C) “aventura cara” (linha 9); “bomba atômica” (linha 8).
- (D) “bomba atômica” (linha 1); “segurança nacional” (linhas 1).
- (E) “bomba atômica” (linha 10); “condição de desenvolvimento nuclear” (linhas 10 e 11).



obomdaboa.blogspot.com acessado em
27/01/2012

04. (SALTO/2012) Na sala de emergência de um hospital um personagem aguarda tratamento, como se pode perceber na charge acima. Há oferecimento de descanso para o rapaz que está com duas facas enfiadas no peito. A forma de descanso não foi aceita porque
- (A) ao ir a uma sala de emergência, espera-se ser atendido com urgência.
 - (B) o hospital o desrespeitou, visto que ali esperava-se um tratamento.
 - (C) o descanso oferecido foi agradável, pois seria um descanso eterno.
 - (D) situação de perigo se resolve mais rápido com o oferecimento de uma urna funerária.
 - (E) em hospital público espera-se morrer, por isso que as pessoas vão procurar tratamento lá.

Um Cinturão (fragmento)

Graciliano Ramos

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural.

Os golpes que recebi antes do caso do cinturão, puramente físicos, desapareciam quando findava a dor. Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. [...] Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó. [...]. A história do cinturão, que veio pouco depois, avivou-a.

Meu pai dormia na rede, armada na sala enorme. [...]. Sei que estava bastante zangado, e isto me trouxe a covardia habitual. Desejei vê-lo dirigir-se a minha mãe e a José Baía, pessoas grandes, que não levavam pancada. Tentei ansiosamente fixar-me nessa esperança frágil. A força de meu pai encontraria resistência e gastar-se-ia em palavras.

[...] Só queria que minha mãe, sinhá Leopoldina, Amaro e José Baía surgissem de repente, me livrassem daquele perigo.

Ninguém veio, meu pai me descobriu acororado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação.

Não consigo reproduzir toda a cena. Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremura infeliz. [...]

Onde estava o cinturão? Impossível responder. Ainda que tivesse escondido o infame objeto, emudeceria, tão apavorado me achava. Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as consequências delas me acompanharam.

[...]

Onde estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo.



[...]

Minha mãe, José Baía, Amaro, sinhá Leopoldina, o moleque e os cachorros da fazenda abandonaram-me. Aperto na garganta, a casa a girar, o meu corpo a cair lento, voando, abelhas de todos os cortiços enchendo-me os ouvidos — e, nesse zunzum, a pergunta medonha. Náusea, sono. Onde estava o cinturão? Dormir muito, atrás dos caixões, livre do martírio.

Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. Já então eu devia saber que rogos e adulações exasperavam o algoz. Nenhum socorro. José Baía, meu amigo, era um pobre-diabo.

[...]

Junto de mim, um homem furioso, segurando-me um braço, açoitando-me. Talvez as vergastadas não fossem muito fortes: comparadas ao que senti depois, quando me ensinaram a carta de A B C, valiam pouco. Certamente o meu choro, os saltos, as tentativas para rodopiar na sala como carrapeta, eram menos um sinal de dor que a explosão do medo reprimido. Estivera sem bulir, quase sem respirar. Agora esvaziava os pulmões, movia-me, num desespero.

O suplício durou bastante, mas, por muito prolongado que tenha sido, não igualava a mortificação da fase preparatória: o olho duro a magnetizar-me, os gestos ameaçadores, a voz rouca a mastigar uma interrogação incompreensível.

Solto, fui enroscar-me perto dos caixões, coçar as pisaduras, engolir soluços, gemer baixinho e embalar-me com os gemidos. Antes de adormecer, cansado, vi meu pai dirigir-se à rede, afastar as varandas, sentar-se e logo se levantar, agarrando uma tira de sola, o maldito cinturão, a que desprendera a fivela quando se deitara. Resmungou e entrou a passear agitado. Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram o refúgio onde me abatia, aniquilado.

Pareceu-me que a figura imponente minguava — e a minha desgraça diminuiu. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou.

Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra.

Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça.

“Um Cinturão” – 1945 – de Graciliano Ramos

05. A partir da leitura do texto “Um cinturão”, levando em especial consideração os três últimos parágrafos, pode-se afirmar que o personagem filho, teve a sensação de justiça pela primeira vez porque

(A) percebeu, pelo comportamento de seu pai ao encontrar o cinturão na rede onde estava deitado antes, que havia arrependimento, inclusive a criança afirma que sua desgraça diminuía caso seu pai tivesse chegado a ela que o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre o causava.

(B) percebeu perdão explícito de seu pai que ao encontrar o cinto, na rede onde estava deitado, voltou-se para a criança baixou a cabeça, resmungou, passeou agitado. Tudo isto contribuiu para o seu arrependimento pelo que havia praticado injustamente com o filho que o agradeceu finalmente.

(C) viu-o novamente cruel e forte quando soprava e espumava. Isto tudo como sinal de arrependimento do pai que fez com que o filho sentisse-se grande, significativo e forte a ponto de considerar finalmente que o primeiro sinal de justiça foi o pedido de perdão explícito pelos maus tratos feito ao filho.

(D) percebeu que, quando estudava a carta de A B C, havia sofrido maus tratos também. Porém, esses maus tratos em comparação com a situação atual da criança, e segundo sua própria opinião, eram “duros”, mas não igual à situação pela qual passou no tempo do A B C, pois sofreu menos.

(E) percebeu que os golpes recebidos antes do caso do cinturão eram puramente físicos, por isso não desapareciam quando a dor passava. Isto fez com que a criança guardasse ódio de sua mãe, para isso justificou que a culpa pela dor que sentia era devido a um nó e não à surra que recebia.

D14 Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.

Senhora (Fragmento)

Aurélia passava agora as noites solitárias.

Raras vezes aparecia Fernando, que arranjava uma desculpa qualquer para justificar sua ausência. A menina que não pensava em interrogá-lo, também não contestava esses fúteis inventos. Ao contrário buscava afastar da conversa o tema desagradável.

Conhecia a moça que Seixas retirava- lhe seu amor; mas a altivez de coração não lhe consentia queixar-se. Além de que, ela tinha sobre o amor ideias singulares, talvez inspiradas pela posição especial em que se achara ao fazer-se moça.

Pensava ela que não tinha nenhum direito a ser amada por Seixas; e pois toda a afeição que lhe tivesse, muita ou pouca, era graça que dele recebia. Quando se lembrava que esse amor a poupava à degradação de um casamento de conveniência, nome com que se decora o mercado matrimonial, tinha impulsos de adorar a Seixas, como seu Deus e redentor.

Parecerá estranha essa paixão veemente, rica de heroica dedicação, que entretanto assiste calma, quase impassível, ao declínio do afeto com que lhe retribuía o homem amado, e se deixa abandonar, sem proferir um queixume, nem fazer um esforço para reter a ventura que foge.

Esse fenômeno devia ter uma razão psicológica, de cuja investigação nos abstermos; porque o coração, e ainda mais o da mulher que é toda ela, representa o caos do mundo moral. Ninguém sabe que maravilhas ou que monstros vão surgir nesses limbos.

ALENCAR, José de. Capítulo VI. In: ___. Senhora. São Paulo: FTD, 1993. p. 107-8.

01. (PROVA BRASIL) O narrador revela uma opinião no trecho

- (A) "Aurélia passava agora as noites solitárias." (l. 1)
- (B) "...buscava afastar da conversa o tema desagradável." (l. 4)
- (C) "...tinha impulsos de adorar a Seixas, como seu Deus..." (l. 11)
- (D) "...e se deixa abandonar, sem proferir um queixume,..." (l. 13 - 14)
- (E) "Esse fenômeno devia ter uma razão psicológica,..." (l. 15)

Artigo: CRACK, A PEDRINHA MALDITA

Por **Júlio César**

Articulista do Jornal Tribuna Popular – Coluna SEUS DIREITOS

O vício que leva à insanidade mental – Artigo publicado na edição 28 (09/06/07)



Uma mãe do Loteamento Ilha em Ponte dos Carvalhos nos traz um caso triste, mas que já tem atingido várias famílias da Região Metropolitana do Recife e chega ao Cabo, ao que parece, com força total. Ela relata que seu filho, de 21 anos, era viciado em maconha, porém, há alguns meses o mesmo mudou o comportamento habitual, tendo crises de raiva, com verdadeiros acessos de loucura. Ela investigou e descobriu que ele, junto com alguns amigos, estão consumindo o famigerado crack. Diz ela que ele passou a vender seus

pertences, tais como carro, um terreno na praia e está com medo que ele acabe destruindo o resto do seu patrimônio. Ela quer saber o que fazer.

Antes da possível solução, um parágrafo sobre a questão do crack. Vi recentemente um estudo sobre essa droga, realizado pela Universidade de Nova Jersey e publicado na Folha de São Paulo, que comprovou que 80% das pessoas que a experimentam pela primeira vez já se tornam viciados. Isso é assustador, se considerarmos que muitas vezes o sujeito, apenas por curiosidade, resolve

[Digite texto]



experimentá-la, principalmente aqueles que já estão habituados com o uso da maconha. As conseqüências dessa droga são avassaladoras, a exemplo das que a nossa leitora nos relatou acima.

Voltando a questão da leitora, indico que deve a mesma, além de procurar um tratamento médico adequado para o seu filho, providenciar de imediato a interdição do mesmo via um processo de CURATELA. Esse recurso está previsto no novo Código Civil no art. 1.767, que dispõe que os viciados em tóxicos estão sujeitos a curatela.

Após a interdição ele não poderá mais dilapidar o seu patrimônio, que ficará sobre a responsabilidade do curador. Espero que este caso sirva de alerta para as autoridades policiais locais e para os gestores da saúde pública para o problema da entrada dessa droga em nossa cidade.

<http://tribunapopular.wordpress.com/2007/06/08/artigo-crack-a-pedrinha-maldita/> acessado em 26/09/11

02. O trecho do texto que expressa uma opinião do autor em relação ao fato comentado é

(A) “Uma mãe do Loteamento Ilha em Ponte dos Carvalhos nos traz um caso triste, mas que já tem atingido várias famílias da Região Metropolitana do Recife”.

(B) “Vi recentemente um estudo sobre essa droga, realizado pela Universidade de Nova Jersey e publicado na Folha de São Paulo”.

(C) “Isso é assustador, se considerarmos que muitas vezes o sujeito, apenas por curiosidade, resolve experimentá-la”.

(D) “Após a interdição ele não poderá mais dilapidar o seu patrimônio, que ficará sobre a responsabilidade do curador.”

(E) “Esse recurso está previsto no novo Código Civil no art. 1.767, que dispõe que os viciados em tóxicos estão sujeitos a curatela.”



D20 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de texto que tratam do mesmo tema, em função das condições em que eles foram produzidos e daquelas que serão recebidos.

Texto I

Carta (Fragmento)

A terra não pertence ao homem; é o homem que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. O que fere a terra feretambém os filhos da terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo que ele fizer à trama, a si próprio fará.

Carta do cacique Seattle ao presidente dos EUA em 1855. Texto de domínio público distribuído pela ONU.

Texto II

Dicionário de Geografia (Fragmento)

Segundo o geógrafo Milton Santos: “o espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho”. E “o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções”.

GIOVANNETTI, G. Dicionário de Geografia. Melhoramentos, 1996.

01. (PROVA BRASIL) Os dois textos diferem, essencialmente, quanto

- (A) à abordagem mais objetiva do texto I.
- (B) ao público a que se destina cada texto.
- (C) ao rigor científico presente no texto II.
- (D) ao sentimentalismo presente no texto I.
- (E) ao tema geral abordado por cada autor.

Texto I

Bola dividida

Será que essa gente percebeu que essa morena
desse amigo meu
Tá me dando bola tão descontraída
Só que eu não vou em bola dividida
Pois se eu ganho a moça eu tenho o meu
castigo
Se ela faz com ele vai fazer comigo
Se eu ganho a moça eu tenho o meu castigo
Se ela faz com ele vai fazer comigo
E vai fazer comigo exatamente igual
Ela é uma morena sensacional
Digna de um crime passionai
E eu não quero ser manchete de jornal

[Digite texto]



Será que essa gente percebeu que essa morena
desse amigo meu
Tá me dando bola tão descontraída
Só que eu não quero que essa gente diga
Esse camarada se androginou
A moça deu bola a ele e ele nem ligou
Esse camarada se androginou
A moça deu bola a ele e ele nem ligou

Zeca Baleiro

Texto II

Violência - Crime passional provoca revolta no interior

Dois casos de violência nos últimos dias provocaram muita revolta no interior. Um dos casos envolveu um crime passional e provocou a morte de uma mulher. O outro deixou duas pessoas gravemente feridas. Uma jovem de 19 anos foi assassinada, na manhã desta quarta-feira, com um tiro no peito, no Município de Acarape, no Maciço do Baturité. O acusado de ser o autor do disparo é o namorado da vítima. Jádila Jacqueline Alves foi executada dentro de casa. Ela foi baleada pelo namorado depois de uma discussão e os vizinhos, que presenciaram a confusão em frente à residência da vítima, ainda tentaram socorrê-la para a Unidade Mista de Saúde de Acarape, entretanto, não resistiu à gravidade dos ferimentos.

O nome do acusado de matar a namorada ainda é desconhecido pela Polícia. Apesar disso, segundo informações de populares, ele é conhecido por "Bibi". Os policiais estão realizando buscas para capturá-lo. Amigos e vizinhos da moça assassinada disseram que o casal era conhecido por causa das desavenças. Em outra discussão, moradores disseram que a vítima chegou a ferir com uma faca o namorado.

Fonte: O Estado - 25.08.11

<http://acsce.com.br/noticias/2456-violencia-crime-passional-provoca-revolta-no-interior> 12/09/11 acessado

02. Uma informação pode ser tratada de diferentes formas com gêneros textuais diferentes. Os textos acima são uma canção e uma notícia, respectivamente. Podemos afirmar que

- (A) a linguagem utilizada no segundo texto é figurada, ao passo que a utilizada no primeiro texto é técnica e impessoal.
- (B) ambos os textos tratam de relacionamento entre pessoas, no primeiro com possibilidades de crime passional e, no segundo a efetivação de crime passional.
- (C) o primeiro texto é uma notícia e trata de crime passional, ao passo que o segundo é uma canção e aborda o mesmo assunto.
- (D) o primeiro texto apresenta um fato condicionado pela palavra "se", ao passo que o segundo apresenta possibilidade de crime passional por ser uma notícia.

Leia os fragmentos

Fragmento A

[...] sempre que se começa a ter amor a alguém, no ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo e ajudando: mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço, fatal, carecendo de querer, e só um facear com as surpresas. Amor desse cresce primeiro; brota é depois. [...]

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

Fragmento B

Meu amor é simples,
Dora, Como a água e o pão.
Como o céu refletido
Nas pupilas de um cão.

PAES, José Paulo. Um por todos, poesia reunida. São Paulo: Brasiliense, 1986.

03. (MATRIZ L.P – BA/2004) Que opção analisa corretamente os fragmentos?

- (A) Os fragmentos A e B tratam do sentimento próximo ao amor.
- (B) Os fragmentos A e B assemelham-se pelo emprego da linguagem.
- (C) Os fragmentos A e B têm temática semelhante e formas diferentes.
- (D) O fragmento A revela muito pouco o sentimento do eu-lírico.
- (E) O fragmento A revela o sentimento amoroso e o analisa-o.

Leia os textos e reponda a questão.



acieljose.blogspot.com acessado em
27/01/2012

Office-boy de cachorro (fragmento)

Juraildes da Cruz

Saí da roça pra São Paulo
Estudar pra ser doutor e não dar vexame
A linha que apruma o homem
pode ser de seda pode ser arame
Portas fechadas outras abertas
O luxo e o lixo é o mesmo enxame
Primeiro emprego que arranjei
Foi pra cuidar de cachorro, cachorro de
madame
Perfume do cachorro era francês
Shampoo de primeira todo dia
Toda noite eu sonhava
Com o banquete que aquele cachorro
comia
Tanta gente passando fome
E cachorro na mordomia



04. (SALTO/2012) Os dois textos mostram a realidade de grande parte da população brasileira. A linguagem utilizada é a informal em sua forma gráfica, principalmente. Considerando as informações contidas neles, e o que é escrito no centro da Bandeira Nacional “Ordem e Progresso” pode-se afirmar que

- (A) a visão de mundo de quem escreveu “BRAZIL” para a de quem escreveu Office-boy de cachorro é a mesma, visto que na canção citada o eu-lírico tem empregabilidade e conseguiu um emprego “bom”.
- (B) no texto imagem há sinalização de progresso, pois existe um caderno sobre a Bandeira e isto apresenta um Brasil como um país onde há Ordem e Progresso na educação dos brasileiros.
- (C) na canção pode se observar preocupação dos governantes em relação à preparação do jovem para melhorar sua cultura de modo geral, não o vendo mais como um animal irracional.
- (D) nos dois textos há apontamentos de luta da classe popular, haja vista que na comparação de ambos há animalização explícita do ser humano quando em vez de o homem ter uma alimentação saudável quem a tem é o cão.
- (E) tanto o texto imagem como o texto canção apontam de forma implícita ou explícita a situação em que se encontram muitos brasileiros marginalizados, que observam as boas condições sem direito a usufruí-las.

Texto 01

Carimbador Maluco Raul Seixas

5... 4... 3... 2...

- Parem! Esperem aí.
Onde é que vocês pensam que vão?
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!!
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!!
Tem que ser selado, registrado, carimbado
Avaliado, rotulado se quiser voar!
Se quiser voar....
Pra Lua: a taxa é alta,
Pro Sol: identidade
Mas já pro seu foguete viajar pelo universo
É preciso meu carimbo dando o sim,
Sim, sim, sim.
O seu Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Tem que ser selado, registrado, carimbado
Avaliado, rotulado se quiser voar!
Se quiser voar....
Pra Lua: a taxa é alta,
Pro Sol: identidade
Mas já pro seu foguete viajar pelo universo
É preciso meu carimbo dando o sim,
Sim, sim, sim.
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Plunct Plact Zum
Não vai a lugar nenhum!
Mas ora, vejam só, já estou gostando de vocês

[Digite texto]



Aventura como essa eu nunca experimentei!
O que eu queria mesmo era ir com vocês
Mas já que eu não posso:
Boa viagem, até outra vez.
Agora...
O Plunct Plact Zum
Pode partir sem problema algum
Plunct Plact Zum
Pode partir sem problema algum
(Boa viagem, meninos.
Boa viagem).

Texto 02

Burocracia e Serviço Público (fragmento)

Luiz Alex Silva Saraiva

Para a compreensão de como se manifesta a cultura em uma organização burocrática, faz-se necessário explorar a noção que os próprios funcionários possuem a respeito do que é a burocracia e de como o serviço público é por eles percebido. Uma visão disseminada entre os funcionários é a de que houve poucos avanços no que concerne à gestão.

"A norma, dentro do serviço público, ainda é o papel e o carimbo. Muitas vezes vemos uma ênfase na burocratização em detrimento de uma busca pela maior eficiência. O serviço público ainda é muito burocrático" (relato).

Tal visão, de natureza negativa a respeito da própria natureza da organização à qual dedicam a maior parte do tempo, é complementada por outros pontos de vista a respeito da maneira pela qual o trabalho é organizado, e a monotonia daí decorrente.

"O servidor público, após anos de trabalho, vai ficando muito bitolado, sem motivação, sem perspectiva. A pessoa perde a vontade de trabalhar, é levada a tomar uma atitude passiva diante do seu trabalho. Chega ao ponto de nem quererem mais ir ao trabalho, tamanha a falta de estímulo" (relato).

A monotonia não é exclusividade das organizações públicas, de certo; os moldes pelos quais está organizada boa parte dos processos de trabalho, principalmente em um país como o Brasil, deixam muito a desejar em matéria de inovação e criação de ambientes propícios ao desenvolvimento de novas habilidades e exploração de formas alternativas de produtividade: em geral opta-se por uma organização com traços mecanicistas, porque é o que vem tradicionalmente sendo feito ao longo do tempo, sem grandes pressões por modificações mais efetivas. No setor público, entretanto, há maiores reflexos no tocante à cultura, pois parece haver, mais do que nas organizações privadas, um nível de apego à forma tradicional pela qual as atividades se encontram organizadas, com efeitos indesejados sobre as iniciativas de inovação.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Cultura Organizacional em ambiente burocrático. Rev. adm. contemp. vol.6 no.1 Curitiba Jan./Apr. 2002. Leia o artigo na íntegra em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552002000100011 acessado em 28_02_2013

05. Os textos 01 e 02 tratam de um assunto interessante pelo qual a maioria da população brasileira é vítima. Assim podemos afirmar que

(A) O texto 01 enfatiza a questão burocrática com pouca liberdade de expressão literária, devido ser um poema canção e por isso limita-se a uma linguagem mais técnica científica ao passo que o texto 02 aborda também o mesmo assunto, porém com pouco envolvimento de termos objetivos e linguagem em primeira pessoa o que caracteriza geralmente a linguagem de artigos.

(B) O texto 01 aponta quase que uma obrigação, sendo assim taxativo quando utiliza os termos "selado", "registrado", "carimbado", "avaliado", "rotulado" para quem deseja voar. Já o texto 02 afirma que a monotonia é exclusiva das organizações públicas e que o Brasil é inovador em desenvolver novas habilidades.

(C) O texto 02 é apresentado em linguagem referencial o que o torna mais técnico para um artigo científico. Nele pode-se perceber que alguém de fora percebe a situação e relata ao passo que no

[Digite texto]



texto 01, que aborda o mesmo assunto com linguagem poética o que o faz com que os leitores tenham uma só interpretação, devido a tecnicidade da linguagem.

(D) O texto 01 e o texto 02 abordam o mesmo assunto, de forma direta. Assim, no texto 01 existem termos como “Mas ora, vejam só, já estou gostando de vocês/Aventura como essa eu nunca experimentei!”, o que é demonstrado no texto 02 com muita ênfase o que se conclui que os textos são semelhantes entre si tanto em forma como em conteúdo.

(E) os termos onomatopaicos presentes no poema canção, texto 01, remetem ao trabalho burocrático presente nas instituições públicas como a batida e a retirada do carimbo no papel e em seguida a viagem. Esta mesma situação, de burocracia, pode ser percebida no texto 02 onde funcionários percebem como norma no serviço público o carimbo e o papel.

D8 Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-las.

[Digite texto]



Haverá um mapa para este tesouro?

“Diversidade biológica” significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas.” (Artigo 2 da Convenção sobre Diversidade Biológica).

O Brasil, país de dimensões continentais, sabidamente possui uma enorme biodiversidade, sendo definida como a maior do planeta. Possuir muito, e de diferentes fontes, ecoa aos nossos sentidos como ter à disposição, ao alcance de todos, um grande tesouro. No entanto, todos sabemos que um grande tesouro escondido em locais inacessíveis, ou mesmo localizado sob os nossos olhos, sem que tenhamos possibilidade de enxergá-la, significa um grande sonho... e sonhos não costumam tornar-se realidade...podem até evoluir para pesadelos...

Assim, fica evidente que o conhecimento científico, embasado em fatos, é essencial para dar suporte a hipóteses que gerem projetos que permitam expandir esses conhecimentos e servir de partida para projetos que permitam a aplicação racional e sustentada dessa riqueza. Todos sabem que a pior atitude é “...matar a galinha dos ovos de ouro...”. Portanto, precisamos saber de onde vêm os ovos, e como cuidar da galinha e fazê-la reproduzir para que possamos transmitir essa riqueza como herança.

Regina Pakelmann Markus e Miguel Trefault Rodrigues. Revista Ciência & Cultura. Julho/agosto/setembro 2003. p. 20.

01. (PROVA BRASIL) O trecho “evoluir para pesadelos...” (l. 11) é um argumento para sustentar a ideia de que

- (A) a biodiversidade do Brasil é imensa e incontrolável.
- (B) a má utilização das riquezas naturais causa graves problemas.
- (C) a reprodução ostensiva da galinha dos ovos de ouro é problemática.
- (D) o maior conhecimento da natureza causa mais riscos.
- (E) o sonho alto das pessoas faz com que sofram muito.

Desafios da gestão política brasileira

Murillo de Aragão - advogado, jornalista, cientista político e presidente da Arko Advice Pesquisas

Menos de um ano depois da eleição que consagrou Dilma Rousseff como presidente do Brasil, a base política que a elegeu apresenta sinais de fadiga de material.

Tal situação fica bastante evidente nas entrelinhas dos embates políticos e nas declarações e atitudes recolhidas aqui e ali.

Os focos de insatisfação ocorrem de lado a lado. Tanto do Palácio em direção a seus aliados quanto dos partidos em direção ao Palácio. O cardápio de mágoas e irritações é limitado e tradicional: gira em torno de nomeações, liberação de verbas e disputas em votações.

Os pontos de atrito estão localizados no PT, PMDB, PP e PSB, sem contar o PR – que saiu da base sem ter saído de verdade. As eleições municipais do próximo ano vão servir de divisor de águas para a atual configuração da sustentação política de Dilma e podem apontar para o começo do fim da coalizão ou para o seu renascimento.

Os sinais são claros. O PMDB, que insinua poder lançar candidato presidencial em 2014, afirmou que quer ter candidato a prefeito em todas as capitais. Mais: quer aumentar de 1.175 para 1.300 as prefeituras controladas pela legenda e considera o PT seu principal adversário na disputa.

Na Câmara, a escolha do novo ministro do TCU também revelou a existência de fissuras. Eduardo Campos, governador de Pernambuco e líder maior do PSB, conseguiu mobilizar forças para eleger sua mãe, a deputada federal Ana Arraes (PSB), contra Aldo Rebelo (PCdoB-SP), candidato que era o preferido de setores do governo.



Na disputa, ficou evidente o racha no PT, onde o grupo liderado por Marco Maia (PT-RS) apoiou Ana Arraes juntamente com Lula. Candido Vaccarezza (PT-SP) e seu grupo teriam ficado com Rebelo.

O protagonismo de Eduardo Campos indica uma real possibilidade de que ele venha a ser candidato presidencial em 2014. Hipótese que seria afastada, caso Lula volte ao páreo.

O PMDB, pelo seu lado, pode ter que inventar um candidato presidencial, já que sente que – no limite – apoiar Dilma na primeira hora não rendeu os esperados espaços no governo. Assim, para o partido, poderá ser mais interessante concorrer, contribuir para a realização do segundo turno e se decidir.

Além das reflexões sobre a relação com o Planalto e o PT, o PMDB sofre internamente com questionamentos e insatisfações.

Ainda é cedo para dizer se Dilma perderá de forma absoluta o comando da coalizão tal qual ela se encontra. A seu favor, existem o desempenho da economia, a sua popularidade e o apoio de Lula.

Saindo-se bem no desafio de pilotar a economia do Brasil em um cenário de crise internacional, o poder de Dilma só aumentará. No entanto, o desafio político está posto e tende a ser cada vez mais complexo manter a coalizão unida em 2012. Imaginem como será em 2014.

No cenário de curto prazo, um racha de grandes proporções parece improvável. Apenas um fato extraordinário, como a eclosão de um novo escândalo, poderá precipitar um rompimento.

Mas as condições para que tal ocorra a médio prazo já estão postas e, infelizmente, para o governo, o correr do ano apenas agravou a situação.

Brasil Econômico, 27/09/2011

<http://www.imil.org.br/artigos/desafios-da-gestao-politica-brasileira/> acessado em 28/09/11

02. A tese de que **“a base política que elegeu Dilma Roussef a presidente do Brasil apresenta sinais de fadiga de material”** pode ser sustentada no seguinte argumento:

(A) “Saindo-se bem no desafio de pilotar a economia do Brasil em um cenário de crise internacional, o poder de Dilma só aumentará.”

(B) “Apenas um fato extraordinário, como a eclosão de um novo escândalo, poderá precipitar um rompimento.”

(C) “O cardápio de mágoas e irritações é limitado e tradicional: gira em torno de nomeações, liberação de verbas e disputas em votações.”

(D) “Ainda é cedo para dizer se Dilma perderá de forma absoluta o comando da coalizão tal qual ela se encontra.”

(E) “Além das reflexões sobre a relação com o Planalto e o PT, o PMDB sofre internamente com questionamentos e insatisfações.”

LEIA O TEXTO

A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora uma guerra muito peculiar. Pois, como observou o grande filósofo Thomas Hobbes, “a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar: mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida.” A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais, que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos lados pretendia atacar o outro achavam difícil não ser pessimistas, pois a Lei de Murphy é uma das mais poderosas generalizações sobre as questões humanas (“Se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar.”). À medida que o tempo passava, mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da “destruição mútua inevitável” (adequadamente expresso na sigla MAD, das iniciais da

[Digite texto]



expressão em inglês – mutually assured destruction) impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização. Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária.

ERIC HOBSBAWN, Era dos Extremos, Trad. MARCOS SANTARRITA, Companhia das Letras. FONTE: http://www.editoraferreira.com.br/publique/media/AU_07_Decio.pdf

03. (ESAF/SIMULADÃO) As ideias contidas no trecho podem ser apresentadas como argumentos em favor de determinadas teses. Indique a alternativa que apresenta uma tese sustentável com tais argumentos.

(A) Conflitos regionalizados – Coréia, Vietnam, por exemplo – resultaram do que o autor estabelece como uma Terceira Guerra Mundial, ressaltando como “uma guerra muito peculiar”

(B) A Guerra Fria entre EUA e URSS exemplifica o estado de beligerância latente em que o mundo, após a Segunda Guerra Mundial, viu-se mergulhado, sendo, por isto mesmo, caracterizadora do que se pode chamar Terceira Guerra Mundial.

(C) Pessimistas eram aqueles que, no período entre a Segunda e a Terceira Guerra Mundiais, achavam possível, por questões políticas ou tecnológicas, que houvesse a deflagração do horror atômico.

(D) Apenas o medo da “destruição mútua inevitável” foi o responsável pela inexistência de um conflito nuclear.

(E) Apenas os pacifistas, aqueles que achavam que nenhum dos dois lados pretendia atacar o outro, estiveram imunes à Guerra Fria, que por cerca de quarenta anos afligiu a humanidade.

Office-boy de cachorro (fragmento)

Juraildes da Cruz

Saí da roça pra São Paulo
Estudar pra ser doutor e não dar vexame
A linha que apruma o homem
pode ser de seda pode ser arame
Portas fechadas outras abertas
O luxo e o lixo é o mesmo enxame
Primeiro emprego que arranjei
Foi pra cuidar de cachorro, cachorro de madame
Perfume do cachorro era francês
Shampoo de primeira todo dia
Toda noite eu sonhava
Com o banquete que aquele cachorro comia
Tanta gente passando fome
E cachorro na mordomia

04. (SALTO/2012) Com base no fragmento da Canção **Office-boy de cachorro**, pode-se afirmar que o argumento do eu-lírico é ir a São Paulo estudar pra ser doutor e não dar vexame. Para isso ele utilizou-se do seguinte argumento.

(A) A linha que apruma o homem pode ser de seda ou arame, isto significa dizer que dependendo da origem do homem ele terá o tratamento diferenciado para mais brando ou mais áspero.

(B) A linha que apruma o homem pode ser de seda ou arame, isto significa dizer que independe da origem do homem, ele terá o tratamento diferenciado para mais brando ou mais áspero.

(C) A olhar do eu-lírico da Canção é inocente por isto que ele não percebeu que há desavença entre as classes sociais, sendo assim fez a comparação com um exame argumentando que as classes são iguais em tudo.

(D) A linha que apruma o homem pode ser de seda ou arame, isto significa dizer que independe da origem do homem, ele usará perfume Francês como os cachorros de madames também usam.



(E) A linha que apruma o homem pode ser de seda ou arame, isto significa dizer que independe da origem do homem, ele se alimentará com o mesmo banquete que sonha que são os banquetes dos cachorros das madames.

Burocracia e Serviço Público (fragmento)

Luiz Alex Silva Saraiva

Para a compreensão de como se manifesta a cultura em uma organização burocrática, faz-se necessário explorar a noção que os próprios funcionários possuem a respeito do que é a burocracia e de como o serviço público é por eles percebido. Uma visão disseminada entre os funcionários é a de que houve poucos avanços no que concerne à gestão.

"A norma, dentro do serviço público, ainda é o papel e o carimbo. Muitas vezes vemos uma ênfase na burocratização em detrimento de uma busca pela maior eficiência. O serviço público ainda é muito burocrático" (relato).

Tal visão, de natureza negativa a respeito da própria natureza da organização à qual dedicam a maior parte do tempo, é complementada por outros pontos de vista a respeito da maneira pela qual o trabalho é organizado, e a monotonia daí decorrente.

"O servidor público, após anos de trabalho, vai ficando muito bitolado, sem motivação, sem perspectiva. A pessoa perde a vontade de trabalhar, é levada a tomar uma atitude passiva diante do seu trabalho. Chega ao ponto de nem quererem mais ir ao trabalho, tamanha a falta de estímulo" (relato).

A monotonia não é exclusividade das organizações públicas, de certo; os moldes pelos quais está organizada boa parte dos processos de trabalho, principalmente em um país como o Brasil, deixam muito a desejar em matéria de inovação e criação de ambientes propícios ao desenvolvimento de novas habilidades e exploração de formas alternativas de produtividade: em geral opta-se por uma organização com traços mecanicistas, porque é o que vem tradicionalmente sendo feito ao longo do tempo, sem grandes pressões por modificações mais efetivas. No setor público, entretanto, há maiores reflexos no tocante à cultura, pois parece haver, mais do que nas organizações privadas, um nível de apego à forma tradicional pela qual as atividades se encontram organizadas, com efeitos indesejados sobre as iniciativas de inovação.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Cultura Organizacional em ambiente burocrático. Rev. adm. contemp. vol.6 no.1 Curitiba Jan./Apr. 2002. Leia o artigo na íntegra em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552002000100011 acessado em 28_02_2013

05. A tese presente no texto 02 "Burocracia e serviço público" defendida pelo autor encontra-se no seguinte trecho.

(A) "Para a compreensão de como se manifesta a cultura em uma organização burocrática, faz-se necessário explorar a noção que os próprios funcionários possuem a respeito do que é a burocracia e de como o serviço público é por eles percebido."

(B) "A norma, dentro do serviço público, ainda é o papel e o carimbo. Muitas vezes vemos uma ênfase na burocratização em detrimento de uma busca pela maior eficiência."

(C) "O servidor público, após anos de trabalho, vai ficando muito bitolado, sem motivação, sem perspectiva. A pessoa perde a vontade de trabalhar, é levada a tomar uma atitude passiva diante do seu trabalho."



(D) “em geral opta-se por uma organização com traços mecanicistas, porque é o que vem tradicionalmente sendo feito ao longo do tempo, sem grandes pressões por modificações mais efetivas.”

(E) “No setor público, entretanto, há maiores reflexos no tocante à cultura, pois parece haver, mais do que nas organizações privadas, um nível de apego à forma tradicional pela qual as atividades se encontram organizadas, com efeitos indesejados sobre as iniciativas de inovação.”

D15 Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

Anedotinhas

De manhã, o pai bate na porta do quarto do filho:

— Acorda, meu filho. Acorda, que está na hora de você ir para o colégio.

Lá de dentro, estremunhando, o filho respondeu:

— Ai, eu hoje não vou ao colégio. E não vou por três razões: primeiro, porque eu estou morto de sono; segundo, porque eu detesto aquele colégio; terceiro, porque eu não aguento mais aqueles meninos. E o pai responde lá de fora:

[Digite texto]



— Você tem que ir. E tem que ir, exatamente, por três razões: primeiro, porque você tem um dever a cumprir; segundo, porque você já tem 45 anos; terceiro, porque você é o diretor do colégio.

Anedotinhas do Pasquim. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. p. 8.

01. (PROVA BRASIL) No trecho “Acorda, que está na hora de você ir para o colégio” (l. 3-4), a palavra sublinhada estabelece relação de

- (A) adição.
- (B) alternância.
- (C) conclusão.
- (D) explicação.
- (E) oposição.

Somos todos reféns

Os estudos sobre segurança pública mostram que, antes de atacarem uma vítima, os criminosos fazem um cálculo próprio dos investidores do mercado financeiro. “Eles analisam a relação custo-benefício da operação”, afirma o coronel reformado da Polícia Militar de São Paulo José Vicente da Silva Filho, um dos maiores estudiosos brasileiros de temas ligados à criminalidade. “Se o risco de ser preso for alto, o bandido pensa duas vezes antes de agir. Quando o risco é baixo, a audácia e a violência aumentam.” Essa conta é mundial. No Brasil, as operações têm sido altamente lucrativas. Os ataques dos marginais, se nem sempre rendem um dinheiro garantido, ocorrem em um ambiente em que a probabilidade de prisão chega a ser risível. A hipótese de punição é reduzida até mesmo para aqueles criminosos que, durante o assalto, puxam o gatilho e matam. Os estudiosos dividem-se quando são chamados a listar as causas do crime. Conforme a corrente de pensamento a que se filia o analista, as justificativas de cunho social, como a miséria, o desemprego e a falta de perspectivas, têm maior ou menor peso. Mas todos são unânimes em dizer que a sensação de impunidade que tomou conta dos criminosos é a maior responsável pela escalada de crimes nas grandes cidades.

(Revista VEJA. 7/2/2001.)

02. No trecho “Se o risco de ser preso for alto, o bandido pensa duas vezes antes de agir. Quando o risco é baixo, a audácia e a violência aumentam.”, pode-se dizer que os termos grifados correspondem, respectivamente,

- (A) condição e tempo.
- (B) condição e causa.
- (C) concessão e causa.
- (D) causa e consequência.
- (E) tempo e consequência.

Leia o cartum.



03. (SIMULADO ENEM – 2009) No Cartum, na última fala do personagem o termo “ou”, dá ideia de
- (A) alternância.
 - (B) exclusão.
 - (C) adição.
 - (D) condição.
 - (E) causa.

Office-boy de cachorro (fragmento)

Juraildes da Cruz

Saí da roça pra São Paulo
Estudar pra ser doutor e não dar vexame
A linha que apruma o homem
pode ser de seda pode ser arame
Portas fechadas outras abertas
O luxo e o lixo é o mesmo enxame
Primeiro emprego que arranjei
Foi pra cuidar de cachorro, cachorro de madame
Perfume do cachorro era francês
Shampoo de primeira todo dia
Toda noite eu sonhava
Com o banquete que aquele cachorro comia
Tanta gente passando fome
E cachorro na mordomia

04. (SALTO/2012) Considerando os dois últimos versos do poema/canção “Tanta gente passando fome /E cachorro na mordomia”, o termo em destaque no início do verso final permite dizer que
- (A) há uma junção de ideias contrárias, pois o “E” pode representar isso.
 - (B) há uma junção de ideias semelhantes, pois o “E” representa isso.
 - (C) o termo em negrito remete ao cachorro também passar fome
 - (D) o termo em negrito remete ao cachorro viver mal.

[Digite texto]



(E) o termo em negrito remete à vida do cachorro ser infeliz.

Nobreza Popular

O Globo, 02/09/2007

Uma das muitas cenas memoráveis do imperdível filme “Brasileirinho” do diretor finlandês Mika kaurismäki é a do Guinga contando como nasceu a música “Senhorinha”, dedicada à sua filha. Depois Zezé Gonzaga canta a música. Quem não se emocionar deve procurar um médico urgentemente porque pode estar morto. “Senhorinha” tem letra de Paulo César Pinheiro e é uma das coisas mais bonitas já feitas no Brasil – e não estou falando só de música. O filme todo é uma exaltação do talento brasileiro, da nossa vocação para a beleza tirada do simples ou, no caso do chorinho, do complicado, mas com um virtuosismo natural que parece fácil. Recomendo não só a quem gosta de música, mas a quem anda contagiado por sorumbatismo de origem psicossomática ou paulista e achando que o Brasil vai acabar na semana que vem. Não é a música que vai nos salvar, claro. Mas passei o filme todo vendo e ouvindo o Guinga, o Trio Madeira Brasil, o Paulo Moura, o Yamandú, o Silvério Ponte, a Elza Soares, a Teresa Cristina, a Zezé Gonzaga (e até Adenilde Fonseca!) e pensando: é essa a nossa elite. Essa é a nossa nobreza popular, a que representa o melhor que nós somos. O oposto do patriciado que confunde qualquer ameaça ao seu domínio com o fim do mundo. Uma das alegrias que nos dá o filme é constatar que o chorinho, longe de estar acabando, está se revitalizando. Tem garotada aprendendo choro hoje como nunca antes. Substitua-se o choro pelo Brasil que não tem nojo de si mesmo e pronto: a esperança em por aí. Parafrazeando o Chico Buarque: Contra desânimo, desilusão, dispnéia, o trombone do Zé da Véia.

05. No trecho “O filme todo é uma exaltação do talento brasileiro, da nossa vocação para a beleza tirada do simples ou, no caso do chorinho, do complicado, mas com um virtuosismo natural que parece fácil. Recomendo não só a quem gosta de música, mas a quem anda contagiado por sorumbatismo de origem psicossomática ou paulista e achando que o Brasil vai acabar na semana que vem.”, do texto Nobreza popular, os termos em destaque nos remetem a ideia de, respectivamente,

- (A) contradição/adição.
- (B) adição/adição.
- (C) adição/contradição.
- (D) contradição/contradição.
- (E) exaltação/adição.

D13 Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

[Digite texto]

Leia o texto e responda a questão.



BESSINHA. Disponível em: http://pattindica.files.wordpress.com/2009/06/bessinha458904-jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado).

01. (PROVA BRASIL) As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é
- (A) a opção pelo emprego da forma verbal “era” em lugar de “foi”.
 - (B) a ausência de artigo antes da palavra “árvore”.
 - (C) o emprego da redução “tá” em lugar da forma verbal “está”.
 - (D) o uso da contração “desse” em lugar da expressão “de esse”.
 - (E) a utilização do pronome “que” em início de frase exclamativa.

Leia o texto.

Iscute o que tô dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,
Meça desta grande terra
Um tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserddado
Daquilo que Deus me deu.

PATATIVA DO ASSARÉ. A terra é naturá. In: Cordéis e outros poemas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008 (fragmento).

02. (ENEM/2009 cancelado) A partir da análise da linguagem utilizada no poema, infere-se que o eu lírico revela-se como falante de uma variedade linguística específica. Esse falante, em seu grupo social, é identificado como um falante
- (A) escolarizado, proveniente de uma metrópole.

[Digite texto]



- (B) escolarizado que habita uma comunidade do interior do país.
- (C) estrangeiro que imigrou para uma comunidade do sul do país.
- (D) idoso que habita uma comunidade urbana.
- (E) sertanejo morador de uma área rural.

Capítulo XV

(...) Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo.

– Não lhe perdão, se você fizer de mim essa triste ideia, concluiu ameaçando-me com o dedo.

E logo, súbita como um passarinho, espalmou as mãos, cingiu-me com elas o rosto, puxou-me para si e fez trejeito gracioso, um momo de criança. Depois, reclinada na marquesa, continuou a falar aquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais consentiria que lhe comprassem os afetos. (...)

No dia seguinte levei-lhe o colar que havia recusado.

– Para te lembrares de mim, quando nos separarmos, disse eu.

Marcela teve primeiro um silêncio indignado; depois fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua. Eu retive-lhe o braço; pedi-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a jóia.

Sorriu e ficou.

ASSIS, Machado de. Memórias de Brás Cubas. 18 ed. São Paulo, Ática. 1992. p.43. Fragmento.

03. (CAEd/UFJF - 2009) Passagens do texto como “...como eu lhe não pudesse dar certo colar, “ revela um locutor que faz uso de linguagem predominantemente

- (A) científica.
- (B) informal.
- (C) formal.
- (D) jornalística.
- (E) técnica.

Nobreza Popular

O Globo, 02/09/2007

Uma das muitas cenas memoráveis do imperdível filme “Brasileirinho” do diretor finlandês Mika kaurismäki é a do Guinga contando como nasceu a música “Senhorinha”, dedicada à sua filha. Depois Zezé Gonzaga canta a música. Quem não se emocionar deve procurar um médico urgentemente porque pode estar morto. “Senhorinha” tem letra de Paulo César Pinheiro e é uma das coisas mais bonitas já feitas no Brasil – e não estou falando só de música. O filme todo é uma exaltação do talento brasileiro, da nossa vocação para a beleza tirada do simples ou, no caso do chorinho, do complicado, mas com um virtuosismo natural que parece fácil. Recomendo não só a quem gosta de música, mas a quem anda contagiado por sorumbatismo de origem psicossomática ou paulista e achando que o Brasil vai acabar na semana que vem. Não é a música que vai nos salvar, claro. Mas passei o filme todo vendo e ouvindo o Guinga, o Trio Madeira Brasil, o Paulo Moura, o Yamandú, o Silvério Ponte, a Elza Soares, a Teresa Cristina, a Zezé Gonzaga (e até Adenilde Fonseca!) e pensando: é essa a nossa elite. Essa é a nossa nobreza popular, a que representa o melhor que nós somos. O oposto do patriciado que confunde qualquer ameaça ao seu domínio com o fim do mundo. Uma das alegrias que nos dá o filme é constatar que o chorinho, longe de estar acabando, está se revitalizando. Tem garotada aprendendo choro hoje como nunca antes. Substitua-se o choro pelo Brasil que não tem nojo de si mesmo e pronto: a esperança em por aí. Parafrazeando o Chico Buarque: Contra desânimo, desilusão, dispnéia, o trombone do Zé da Véia.

04. A partir da leitura do texto “Nobreza popular” pode-se afirmar devido a utilização de termos como “chorinho”, “nobreza popular” e ainda artistas como Zezé Gonzaga, Teresa Cristina, Elza Soares que quem escreveu o texto foi alguém que conhece e entende de

[Digite texto]



- (A) dança e desconhece os artistas.
- (B) música, cinema e conhece os artistas.
- (C) dança e parece achar-se nobre.
- (D) dança e desconhece emoção.
- (E) dança e é desanimado.

Office-boy de cachorro (fragmento)

Juraildes da Cruz

Saí da roça pra São Paulo
Estudar pra ser doutor e não dar vexame
A linha que apruma o homem
pode ser de seda pode ser arame
Portas fechadas outras abertas
O luxo e o lixo é o mesmo enxame
Primeiro emprego que arranjei
Foi pra cuidar de cachorro, cachorro de madame
Perfume do cachorro era francês
Shampoo de primeira todo dia
Toda noite eu sonhava
Com o banquete que aquele cachorro comia
Tanta gente passando fome
E cachorro na mordomia

05. (SALTO/2012) Com base na leitura da letra da Canção “Office-boy de cachorro”, a escrita de muito termo como “pra”, a mensagem de todo o fragmento permite afirmar que
- (A) o discurso de quem fala na letra da canção é de uma pessoa que tem domínio da norma culta da Língua Portuguesa.
 - (B) o discurso de quem fala na letra da canção é de uma pessoa sonhadora que vivia na zona rural, mas que descobriu que deveria buscar outro caminho.
 - (C) o discurso de quem fala na letra da canção é de uma pessoa contente com a situação de conforto que a zona rural proporciona por isso quer continuar.
 - (D) o discurso de quem fala na letra da canção é de uma pessoa indignada por viver na zona rural e isso é ser melhor do que cachorro de rico.
 - (E) o discurso de quem fala na letra da canção é de uma pessoa pertencente a uma classe de prestígio social econômico.

D5 - Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, etc.)

Leia a tirinha e responda a questão.

[Digite texto]



Ciça, In: Folha de São Paulo, 7 jul. 1985, Suplemento Mulher.

01. (PROVA BRASIL) O comportamento da personagem Pina no terceiro quadrinho sugere
- (A) caridade.
 - (B) entusiasmo.
 - (C) gratidão.
 - (D) interesse.
 - (E) satisfação.

Leia o texto e responda a questão.



02. (ENEM/2009 cancelado) A figura é uma adaptação da bandeira nacional. O uso dessa imagem no anúncio tem como principal objetivo
- (A) alertar a população para o desmatamento da Mata Atlântica e fazer um apelo para que as derrubadas acabem.
 - (B) criticar a estética da bandeira nacional, que não reflete com exatidão a essência do país que representa.
 - (C) incentivar as campanhas ambientalistas e ecológicas em defesa da Amazônia.
 - (D) informar à população sobre a alteração que a bandeira oficial do país sofrerá.
 - (E) mostrar à população que a Mata Atlântica é mais importante para o país do que a ordem e o progresso.

OBSERVE O TEXTO E RESPONDA À QUESTÃO



03. (Relatório SARESP – SP/2009) A propaganda em foco apresenta em pequenos cartazes as ameaças
- (A) a invasão das terras pelas águas marítimas.

- (B) a preservação de certas espécies em extinção.
- (C) à preservação geral do planeta.
- (D) ao degelo iminente das calotas polares.
- (E) aos animais adultos em geral.

Leia o texto e responda a questão.



5864473262_b53ae9daa1.jpg Acessado em 31/01/2012.
Disponível em: zonadodenny.blogspot.com

04. (SALTO/2012) O cabelereiro ficou assustado com a situação apresentada em seu trabalho. Pode-se concluir pela característica e pela fala do cabelereiro, que o profissional não

- (A) sabe cortar cabelo.
- (B) sabe quem é Neymar.
- (C) quer cortar o cabelo.
- (D) gosta do Neymar.
- (E) pode atender ao pedido.

Leia a tirinha e responda a questão.



Acho que deveríamos mesmo alterar a frase positivista de “Ordem e Progresso” para essa frase realista “Caos e Fome”.

Disponível em:

<http://vanderdissenha.wordpress.com/2008/11/19/dia-da-bandeira/>

30_06_11 captado



05. (SALTO/2011) A imagem acima representa uma adaptação da Bandeira Nacional Brasileira. Considerando a imagem e o texto ao lado dela, podemos afirmar que há
- (A) conservação da natureza, pelo homem, para sua sobrevivência.
 - (B) divergência entre o texto escrito e a imagem apresentada.
 - (C) incentivo às campanhas ambientais para preservação do meio ambiente.
 - (D) alerta à população sobre o desmatamento e a distribuição de renda.
 - (E) informação para a população sobre a mudança da Bandeira Brasileira.

D17 Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.

O Islã não é só árabe Religião abrange diversas etnias em todo mundo

Boa parte da população ocidental acredita que o mundo islâmico é aquela porção de países do Oriente Médio que têm como idioma oficial o árabe. Por isso, são indevidamente considerados árabes alguns países de maioria islâmica, mas que têm outros idiomas, como Turquia (línguas turca e curda), Irã (persa), Afeganistão (pashtu e dari) e Paquistão (urdu e punjabi).

[Digite texto]

Existem atualmente cerca de 1,3 bilhão de muçulmanos no mundo, como são denominados os adeptos do islamismo. A maioria vive na Ásia, onde essa religião nasceu e ganhou o mundo há cerca de 1.400 anos. Da Ásia, os muçulmanos passaram para o norte da África - onde foram chamados de mouros - e parte da Europa. Integraram-se com africanos, europeus das penínsulas ibérica e itálica e outros povos. Hoje eles estão presentes também entre europeus, norte-americanos e até brasileiros.

O islamismo cresceu em número de adeptos muito mais fora do mundo árabe do que no local em que a religião nasceu. Basta fazer uma comparação: os países islâmicos mais populosos, como a Indonésia (com “apenas” 228 milhões de habitantes), o Paquistão (145 milhões), Bangladesh (131 milhões) e Nigéria (127 milhões) têm contingentes humanos muito maiores que o Egito (70 milhões), país de maior população entre os árabes, seguido de longe pelo Sudão (36 milhões). Até a Índia, majoritariamente hindu, tem aproximadamente 100 milhões de muçulmanos.



Revista GALILEU, p. 42. Novembro de 2001.

As aspas empregadas na palavra “apenas” (l. 12) foram usadas para dar a ela um sentido

- (A) irônico.
- (B) crítico.
- (C) metafórico.
- (D) coloquial.
- (E) técnico.

Tragédia concretista

O poeta concretista acordou inspirado. Sonhara a noite toda com a namorada. E pensou: lábio, lábia. O lábio em que pensou era o da namorada, a lábia era própria. Em todo caso, na pior das hipóteses, já tinha um bom começo de poema. Todavia, cada vez mais obcecado pela lembrança daqueles lábios, achou que podia aproveitar a sua lábia, e provisoriamente, desinteressado da poesia pura, resolveu telefonar à criatura amada, na esperança de maiores intimidades e vantagens. Até os poetas concretistas podem ser homens práticos.

Como, porém, transmitir a mensagem amorosa em termos vulgares, de toda a gente, se era um poeta concretista e nisto justamente residia (segundo julgava) todo o seu prestígio aos olhos das moças? Tinha que fazer um poema. A moça chamava-se Ema, era fácil. Discou. Assim que ouviu, do outro lado da linha, o “alô” sonolento do objeto amado, foi logo disparando:

- Ema, Amo. Amas?
- Como? — surpreendeu-se a jovem.
- Quem fala?
- Falo. Falas. Falemos.

A pequena, julgando-se vítima de um “trote”, ficou por conta e, como era muito educada (essas meninas de hoje!), desligou violentamente, não antes de perpetrar, sem querer, um precioso “hai-kai” concretista:

- Basta, besta!
- O poeta ficou fulminado.

Fonte: MARTINS, Luís. Tragédia concretista. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p.132.



02. (SARESP 2009) Os parênteses são usados em dois momentos no texto — (segundo julgava) e (essas meninas de hoje!) — para
- (A) acrescentar uma explicação fundamental para a narração.
 - (B) acrescentar uma informação na narração.
 - (C) amenizar o tom trágico da narração.
 - (D) desfazer um mal-entendido.
 - (E) demonstrar que o autor é solidário com o poeta.

Leia o texto e responda à questão

Sua memória vale ouro

Atire a primeira pedra quem nunca sofreu constrangimento ou aflição por esquecer um nome, uma data ou um assunto. O problema, que parece simples, agrava-se de forma preocupante, principalmente entre os mais jovens. Uma pesquisa revelou que pessoas, mesmo de pouca idade, ao serem obrigadas a exercer várias tarefas em pouco espaço de tempo, sofreram danos na memória. São os famosos “brancos”.

É frequente o caso dos que se preparam arduamente para concursos ou provas e, no dia dos exames, estão tão nervosos que não conseguem um bom desempenho. Segundo o professor titular de Neurobiologia da Memória da Universidade de Brasília, Carlos Tomaz, algumas experiências podem ser traumáticas que chegam a provocar uma espécie de amnésia (incapacidade de reter informação). “É a chamada síndrome do estresse pós-traumático, que ocorre após atos de violência. A mente se defende, fazendo a memória não registrar o fato que ocasionou o trauma”, explica o professor.

Texto adaptado. Mais turismo & qualidade de vida p. 40. Dez 2004/ Jan/ Fev. 2005.

03. (Guia CAEd/ufjf – 2009) Na frase “É a chamada síndrome do estresse pós-traumático, que ocorre após atos de violência...”, o uso das aspas indica a
- (A) introdução de um diálogo.
 - (B) reprodução de uma citação.
 - (C) existência de uma crítica.
 - (D) crítica a uma opinião.
 - (E) presença de gíria.

Leia o texto e responda a questão.



5864473262_b53ae9daa1.jpg Acessado em 31/01/2012.
Disponível em: zonadodenny.blogspot.com

04. (SALTO/2012) Considerando o ponto de interrogação empregado duas vezes na fala do cabeleireiro. O efeito desse recurso nesse contexto é que
- (A) o cabeleireiro quer conhecer o corte de cabelo do jogador Neymar.
 - (B) o cabeleireiro conhece o corte de cabelo de Neymar e isso o assustou.
 - (C) o cabeleireiro não percebeu o estilo do cabelo do Sandoval.
 - (D) o cabeleireiro sabia da impossibilidade de fazer o corte pedido.
 - (E) o cabeleireiro queria mesmo ter as informações para fazer o corte pedido.

Entrevista

‘Existem crimes piores’, diz pai de jovem agressor

Sergio Torres
Da sucursal do Rio

O microempresário Ludovico Ramalho Bruno, 46, disse acreditar que o filho Rubens Arruda, 19, estava alcoolizado ou drogado quando participou do espancamento da empregada doméstica Sirlei Pinto. “Uma pessoa normal vai fazer uma agressão dessa?”, perguntou ele após ter sido vítima de um tiroteio na delegacia.

Dono de uma firma de passeios turísticos, Bruno afirmou que o filho não deveria ser preso, para não conviver com criminosos na cadeia. “Foi uma coisa feia que eles fizeram?” Foi. Não justifica o que fizeram. Mas prender, botar preso, juntar eles com outros bandidos... Essas pessoas que têm estudo, que têm caráter, junto com um cara desses “Existem crimes piores.” Se forem indiciados, os acusados vão responder por tentativa de latrocínio (pena de 7 a 15 anos de prisão em caso de detenção) e lesão corporal dolosa (de 1 a 8 anos de prisão).

Folha: O sr. acredita na acusação contra o seu filho?

Ludovico Ramalho Bruno: Eles não são bandidos. Tem que criar outras instâncias para puni-los. Queria dizer à sociedade que nós, pais, não temos culpa nisso. Eles cometeram erro? Cometeram. Mas não vai ser justo manter crianças que estão na faculdade, estão estudando, trabalham, presos. É desnecessário, vai marginalizar lá dentro. Foi uma coisa feia o que eles fizeram? Foi. Não justifica o que fizeram. Mas prender, botar preso, juntar eles com outros bandidos... Essas pessoas que têm estudo, têm caráter, junto com uns caras desses? Existem crimes piores.

Folha: O sr. já falou com ele?

Bruno: Não. É um deslize na vida dele. E vai pagar caro. Está detido, chorando, desesperado. Daqui vai ser transferido. Peço ao juiz que dê a chance para cuidarmos dos nossos filhos. Peguei a senhora que foi agredida, abracei, chorei com ela e pedi perdão. Foi a primeira coisa que fiz quando vi a moça, foi o mínimo que pude fazer. Não é justo prender cinco jovens que estudam, que trabalham, que têm pai e mãe, e juntar bandidos que a gente não sabe de onde vieram. Imagina o sofrimento desses garotos.

Folha: O sr. acha que eles tinham bebido ou usado droga?



Bruno: Estamos com epidemia de droga. A droga tomou conta do Brasil. O inimigo do brasileiro é a droga. Tem que legalizar isso. Botar nas farmácias, nos hospitais. Com esse dinheiro que vai ser arrecadado, pagar clínicas, botar os viciados lá, controlar a droga.

Folha: *Mas o sr. acha que eles poderiam estar embriagados ou drogados?*

Bruno: Mas é lógico. Uma pessoa normal vai fazer uma agressão dessa? Lógico que não. Lógico que estavam embriagados, lógico que poderiam estar drogados. Eu nunca vi [o filho usar droga]. Mas como posso falar de um jovem de 19 anos que está na rua com uma epidemia de droga, com essas festas rave, essas loucuras todas.

Folha: *Como é seu filho em casa?*

Bruno: Fica no computador, vai à praia, estuda, trabalha comigo. Uma pessoa normal, um garoto normal.

(Folha de S.Paulo, 26/06/2007 p. C4)

05. Considere a fala de Bruno e a parte em negrito: “ ‘Uma pessoa normal vai fazer uma agressão dessa?’, ‘Foi uma coisa feia que eles fizeram?’, ‘Eles cometeram erro?’, ‘Não justifica o que fizeram.

Mas prender, botar preso, juntar eles com outros bandidos... Essas pessoas que têm estudo, têm caráter, junto com uns caras desses?’ Existem crimes piores.” Podemos afirmar que

(A) o ponto de interrogação indica que Bruno faz as perguntas porque quer saber se os atos praticados por Rubens Arruda aconteceram. E de forma consciente, sabia que seu filho era igual aos que estavam presos, por isso usou o termo “outros” presente na parte em negrito.

(B) O ponto de interrogação empregado na fala de Bruno indica, simplesmente, perguntas em vez de questionamentos porque seu de fato o filho era inocente. O emprego do termo “outros” na parte em negrito indica que, segundo o pai, o filho também é um bandido.

(C) O ponto de interrogação empregado por Bruno, como em qualquer outra situação de desconforto é empregado quando não se sabe de alguma coisa. E o termo “outros” na parte em negrito em todas as situações indica substituição.

(D) O ponto de interrogação indica questionamentos e o trecho em destaque indica que o filho não é bandido, apesar de que, de forma inconsciente, Bruno incluiu seu filho no rol de bandidos ao utilizar a palavra “outros”.

(E) O pai de Bruno era inocente e por isso fez as perguntas. Estas, no texto, indicam que seu filho não havia praticado crime e por isso não deveria pagar por isso. O termo “outros” na parte em negrito, segundo Bruno, é que o filho também é bandido.

D16 - Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.



A Formiga e a Cigarra

Era uma vez uma formiguinha e uma cigarra muito amigas. Durante todo o outono, a formiguinha trabalhou sem parar, armazenando comida para o período de inverno. Não aproveitou nada do Sol, da brisa suave do fim da tarde nem do bate-papo com os amigos ao final do expediente de trabalho, tomando uma cervejinha. Seu nome era “trabalho” e seu sobrenome, “sempre”. Enquanto isso, a cigarra só queria saber de cantar nas rodas de amigos e nos bares da cidade; não desperdiçou um minuto sequer, cantou durante todo o outono, dançou, aproveitou o Sol, curtiu para valer, sem se preocupar com o inverno que estava por vir.

Então, passados alguns dias, começou a esfriar. Era o inverno que estava começando. A formiguinha, exausta, entrou em sua singela e aconchegante toca repleta de comida. Mas alguém chamava por seu nome do lado de fora da toca. Quando abriu a porta para ver quem era, ficou surpresa com o que viu: sua amiga cigarra, dentro de uma Ferrari, com um aconchegante casaco de visom. E a cigarra falou para a formiguinha:

– Olá, amiga, vou passar o inverno em Paris.

Será que você poderia cuidar da minha toca?

– Claro, sem problema! Mas o que lhe aconteceu? Como você conseguiu grana pra ir a Paris e comprar essa Ferrari?

– Imagine você que eu estava cantando em um bar, na semana passada, e um produtor gostou da minha voz. Fechei um contrato de seis meses para fazer shows em Paris... A propósito, a amiga deseja algo de lá?

– Desejo, sim. Se você encontrar um tal de La Fontaine por lá, manda ele pro DIABO QUE O CARREGUE!

MORAL DA HISTÓRIA: “Aproveite sua trabalho em demasia só traz benefício em fábulas do La Fontaine”.

Fábula de La Fontaine reelaborada. http://www.geocities.com/soho/Atrium/8069/Fabulas/fab_ula2.html - com adaptações.

01. (PROVA BRASIL) Em relação ao texto original da fábula, percebe-se ironia no fato de

- (A) a cigarra deixar de trabalhar para aproveitar o Sol.
- (B) a formiga trabalhar e possuir uma toca.
- (C) a cigarra, sem trabalhar, surgir de Ferrari e casaco de visom.
- (D) a cigarra não trabalhar e cantar durante todo o outono.
- (E) a formiga possuir o nome “trabalho” e o sobrenome “sempre”.



QUINO, J. L. Mafalda. Tradução de Monica S. M. da Silva, São Paulo: Martins Fontes, 1988.

02. (ENEM/2009 cancelado) O efeito de humor foi um recurso utilizado pelo autor da tirinha para mostrar que o pai de Mafalda
- (A) causou surpresa em sua filha, ao se dedicar à leitura de um livro tão grande.
 - (B) demonstrou que a leitura do dicionário o desagradou bastante, fato que decepcionou muito sua filha.
 - (C) queria consultar o dicionário para tirar uma dúvida, e não ler o livro, como sua filha pensava.
 - (D) revelou desinteresse na leitura do dicionário.
 - (E) tentava ler um dicionário, que é uma obra muito extensa.

Leia o texto e responda a questão.



Disponível em: <www.infoblarg.blogspot.com/2009_12_01_ar>

03. (Av. Diagnóstica – GO/2012) Qual é a ironia contida nesse texto?

- (A) A presença de uma única mulher entre homens.
- (B) As pessoas gostarem de sua rotina diária.
- (C) A menção comparativa entre humanos e ovelhas.
- (D) Cada pessoa conversar com as outras presentes.
- (E) Cada pessoa presumir que é a única consciente.



[Digite texto]

Disponível em: fiorisemcensura.com.br
Acessado em 31/01/2012.

04. (SALTO/2012) Considerando a leitura da charge acima, pode-se afirmar que
- (A) o candidato tem bons planos de governo por isso o eleitor o apoia.
 - (B) pela situação apresentada no texto, ou o eleitor o apoia ou então morre.
 - (C) o eleitor está muito alegre com as propostas do candidato por isso o elogia.
 - (D) o eleitor está tranquilo, tanto é que colocou os braços eretos para cima.
 - (E) o candidato está tranqüilo, assim, obrigou o eleitor a declarar seu o voto.

Leia o texto e responda a questão.



05. A partir da leitura do texto e considerando a atenção do público, podemos afirmar que
- (A) a plateia entende de forma igual a mensagem expressa pelo candidato.
 - (B) um personagem reagiu ao contrário ao discurso do candidato.
 - (C) um personagem de preto sugere que o candidato não desvia verba.
 - (D) um personagem elogia o candidato expressamente com uma interrogação.
 - (E) o candidato fala, calmamente, ao público que se manifesta desinteressado

D6 Identificar o tema de um texto.

RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,

[Digite texto]



Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meireles: poesia, por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Agir, 1974. p. 19-20.

01. (PROVA BRASIL) O tema do texto é
- (A) a consciência súbita sobre o envelhecimento.
 - (B) a decepção por encontrar-se já fragilizada.
 - (C) a falta de alternativa face ao envelhecimento.
 - (D) a recordação de uma época de juventude.
 - (E) a revolta diante do espelho.

Raridade

A arara
é uma ave rara
pois o homem não pára
de caçá-la
para pôr na sala
em cima de um poleiro

onde ela fica o dia inteiro
fazendo escarcéu
porque já não pode
voar pelo céu.
E se o homem não pára
de caçar arara
hoje uma ave rara,
ou a arara some
ou então muda seu nome
para arrara.

José Paulo Paes

02. O tema do texto é
- (A) a preservação da fauna brasileira.
 - (B) a exploração da fauna brasileira.
 - (C) a preocupação em preservar a arara.
 - (D) a criação de aves de forma doméstica.
 - (E) a mudança de nome da arara.

Leia o texto e responda a questão.

Guardiões do mundo	
5	Em um continente marcado pela violência, os índios da Sierra Nevada de Santa Marta nunca foram totalmente derrotados pelos espanhóis. Descendentes da antiga civilização sul-americana de Tairona e com uma população atual de 45 mil pessoas, há quatro séculos os povos Kogi, Arhuarco e Wiwa refugiaram-se em um paraíso montanhoso cujos picos elevam-se a quase 6 mil metros da costa caribenha da Colômbia. No período subsequente à conquista espanhola, eles desenvolveram uma ideia nova da Terra, buscando o equilíbrio entre as forças da natureza e o potencial da mente e do espírito humanos.
10	Separados pela língua, mas relacionados pelos mitos e pelas memórias, esses povos partilham o mesmo estilo de vida e as mesmas convicções religiosas básicas. [...] Até hoje, os kogis, arhuarcos e wiwas permanecem fiéis a suas concepções tradicionais – os preceitos morais, ecológicos e espirituais do criador primordial, uma força que chamam de Mãe – e continuam a ser liderados e inspirados por sacerdotes ritualistas.
15	Durante um processo de iniciação que pode durar até 18 anos, os jovens candidatos ao sacerdócio aprendem os valores de sua sociedade, entre os quais a noção de que seu esforço espiritual é essencial para a manutenção do equilíbrio cósmico. [...]

FERRY, Stephen. Revista National Geographic, n. 54, out. 2004. *Adaptado: Reforma Ortográfica. (P110089CE_SUP)

03. (SAERJ – 2010) Qual é o tema desse texto?

- (A) A conquista espanhola.
- (B) A região de Sierra Nevada.
- (C) A vida dos sacerdotes indígenas.
- (D) Os povos colombianos.
- (E) Os povos indígenas de Sierra Nevada.



Vamos queimar os dicionários

– Lya Luft

26/Março/2012

“Vamos deletar as palavras que nos incomodam, os costumes que nos irritam, as pessoas que nos atrapalham e, quem sabe, iniciar uma campanha de queima de livros. De autores, seria um segundo passo”

Quando a gente pensa que já viu tudo, não viu. Faz algum tempo, dentro do horroroso politicamente correto que me parece tão incorreto, resolveram castrar, limpar, arrumar livros de Monteiro Lobato, acusando-o de preconceito racial, pois criou entre outras a deliciosa personagem da cozinheira Tia Nastácia, que, junto com Emília e outros do Sítio do Pica-pau Amarelo, encheu de alegria minha infância.

Se formos atrás disso, boa parte da literatura mundial deve ser deletada ou “arrumada”. Primeiro, vamos deletar a palavra “negro” quando se refere a raça e pessoas, embora tenhamos uma banda Raça Negra, grupos de teatro Negro e incontáveis oficinas, açougues, borracharias “do Negrão”, como “do Alemão” “do Portuga” ou “do Turco”. Vamos deletar as palavras. Quem sabe, vamos ficar mudos, porque ao mal-humorado essencial, e de alma pequena, qualquer uma pode ser motivo de escândalo. Depende da disposição com que acordou, ou do lado de onde sopram os ventos do seu próprio preconceito.

Embora meus antepassados tivessem vindo ao Brasil em 1825, portanto sendo eu de muitas gerações de brasileiros tão brasileiros quanto os de todas as demais origens, na escola havia também a turminha que nos achacava com refrãos como “Alemão batata come queijo com barata”. Nem por isso nos odiamos, nos desprezamos. Eram coisas infantis, sem consistência. O que vemos hoje quer mudar a cara do país, ou da cultura do país, e não tem nada de inocente.

Um dos negros que mais estimei (no passado, porque morreu), ligado a mim por laços de família, era culto, bom, interessante, nossos encontros eram uma alegria. Com ele muito aprendi, sua

[Digite texto]



cultura era vasta. A cor de sua pele nunca me incomodou, como, imagino, não o aborreciam meus olhos azuis. Havia coisas bem mais positivas e importantes entre nós e nossas famílias. Não vou desfilar casos com amigos negros, japoneses, árabes, judeus, seja o que for. Mas vou insistir no meu escândalo e repúdio a qualquer movimento que seja discriminatório, que incite o ódio de classes ou o ódio racial, não importa em que terreno for.

Agora, de novo para meu incorrigível assombro, em um lugar deste vasto, belo, contraditório país que a gente tanto ama, desejam sustar a circulação do Dicionário Houaiss, porque no verbete “cigano” consta também o uso pejorativo – que, diga-se de passagem, não foi inventado por Houaiss, mas era ou é uso de alguns falantes brasileiros, que o autor meramente, como de sua obrigação, registrou. Ora, para tentar um empreendimento desse vulto, como suspender um dicionário de tal peso e envergadura, seria preciso um profundo e preciso conhecimento de linguística, de lexicografia, uma formação sólida sobre o que são dicionários e como são feitos.

O dicionarista não inventa, não acusa nem elogia, deve ser imparcial – porque é apenas alguém que registra os fatos da língua, normalmente da língua-padrão, embora haja dicionários de dialetos, de gírias, de termos técnicos etc. Então, se no verbete “cigano” Houaiss colocou também os modos pejorativos como a palavra é ou foi empregada, criticá-lo por isso é uma tolice sem tamanho, que, se não cuidarmos, atingirá outros termos em outros dicionários, com esse olhar rancoroso. Vamos nos informar, antes de falar. Vamos estudar, antes de criticar. Vamos ver em que terreno estamos pisando, antes de atacar obras literárias ou científicas com o azedume de nossos preconceitos e da nossa pequenez ou implicâncias infundadas. Há coisas muito mais importantes a fazer neste país, como estimular o cuidado com a educação, melhorar o atendimento à saúde, promover e preservar a dignidade de todos nós.

Ou, numa mistura maligna de arrogância e ignorância – talvez simplesmente porque não temos nada melhor a fazer -, vamos deletar as palavras que nos incomodam, os costumes que nos irritam, as pessoas que nos atrapalham e, quem sabe, iniciar uma campanha de queima de livros. De autores, seria um segundo passo. E assim caminhará para trás, velozmente, o que temos de humanidade.

www.correaneto.com.br/site/espaco/23197 acessado em 18 de junho de 2012

04. (SALTO/2012) O tema do texto “Vamos queimar os dicionários” é

- (A) a vinda dos antepassados da autora ao Brasil em 1825, e a origem dela sendo de muitas gerações de brasileiros tão brasileiros quanto os de todas as demais origens.
- (B) a mudança da literatura mundial em virtude de preconceitos ou discriminação oriundos das camadas de intelectuais brasileiros preocupados com as novas palavras.
- (C) a parcialidade do dicionarista ao registrar as palavras comprometendo seu real sentido fato que é contestado pelos leitores especializados em Linguística.
- (D) o corrigível assombro da autora ao perceber que há alguém querendo proibir a circulação de um dicionário famoso que interfere no registro das palavras.
- (E) descontentamento da colunista com o politicamente correto que parece ser incorreto, haja vista que se for atrás disto há que se mudar grande parte da literatura mundial.

D15 Identificar a tese de um texto.

O teatro da etiqueta

No século XV, quando se instalavam os Estados nacionais e a monarquia absoluta na Europa, não havia sequer garfos e colheres nas mesas de refeição: cada comensal trazia sua faca para cortar um naco da carne – e, em caso de briga, para cortar o vizinho. Nessa Europa bárbara, que começava a sair da Idade Média, em que nem os nobres sabiam escrever, o poder do rei devia se afirmar de todas as maneiras aos olhos de seus súditos como uma espécie de teatro. Nesse contexto surge a



etiqueta, marcando momento a momento o espetáculo da realeza: só para servir o vinho ao monarca havia um ritual que durava até dez minutos.

Quando Luís XV, que reinou na França de 1715 a 1774, passou a usar lenço não como simples peça de vestuário, mas para limpar o nariz, ninguém mais na corte de Versalhes ousou assoar-se com os dedos, como era costume. Mas todas essas regras, embora servissem para diferenciar a nobreza dos demais, não tinham a petulância que a etiqueta adquiriu depois. Os nobres usavam as boas maneiras com naturalidade, para marcar uma diferença política que já existia. E representavam esse teatro da mesma forma para todos. Depois da Revolução Francesa, as pessoas começam a aprender etiqueta para ascender socialmente. Daí por que ela passou a ser usada de forma desigual – só na hora de lidar com os poderosos.

Revista Superinteressante, junho 1988, nº 6 ano 2.

01. (PROVA BRASIL) Nesse texto, o autor defende a tese de que
- (A) a etiqueta mudou, mas continua associada aos interesses do poder.
 - (B) a etiqueta sempre foi um teatro apresentado pela realeza.
 - (C) a etiqueta tinha uma finalidade democrática antigamente.
 - (D) as classes sociais se utilizam da etiqueta desde o século XV.
 - (E) as pessoas evoluíram a etiqueta para descomplicá-la.

Pena de Morte: A Justiça no Limite da Racionalidade

Massinga Dias (Bacharel em Direito)

http://www.mnoticias.8m.com/pena_morte.htm em 12/09/2011 captado

A pena de morte é um assunto que vem suscitando grandes polêmicas não apenas entre os juristas, envolvendo presidentes e até o Papa. Essa polêmica já existe há séculos e nunca se chegou a uma unanimidade e talvez nunca se chegue, mas a partir do século XIX, houve mais engajamento para que a pena de morte fosse totalmente abolida de todos ordenamentos jurídicos.

Muitas pessoas se posicionam contra ou a favor da pena de morte, mas não sabem justificar com exatidão a posição que assumem. Tive um professor que dizia que é difícil saber com exatidão se somos contra ou favor da pena de morte, em quanto não trabalharmos com a escória.

Será justo que um Estado puna com a morte alguém que cometeu um homicídio?! Não estaríamos voltando a velha máxima "olho por olho, dente por dente". Então não é crime se matarmos com a autorização do Estado?

Com a aplicação dessa pena, muitos inocentes já foram sacrificados, não seria mais justo deixar um culpado solto, que matar um inocente? Existem pessoas que se posicionam contra isso, dizendo que é melhor um inocente preso, que um bandido; em que mundo estamos onde a vida passa a ter pouco valor.

Os EUA é o campeão em aplicação de penas de morte e conseqüentemente o país que comete mais erros de justiça, só que infelizmente muitas vezes essa constatação chega tarde demais e o valor da indenização nunca serve para abrandar o sofrimento da família, pois o dinheiro nunca poderá trazer de volta o pai, filho, irmão, amigo... que se foi. Nos EUA, pelo menos 360 pessoas condenadas à morte, entre 1900 e 1985, conseguiram provar a sua inocência, só que para 25 a inocência foi provada tarde demais. (...).

Até hoje não conseguiu provar-se que a aplicação da pena de morte diminui os índices de criminalidade, uma vez que verifica-se que os países que a aplicam têm porcentagens de crimes superiores às dos países que a aboliram. O Canadá é um grande exemplo, o índice de criminalidade em 1993 diminuiu em 27% depois que a pena de morte foi abolida, o que não se verificava nos anos em que a pena de morte ainda vigorava.

Se houvesse mais igualdade social, talvez os índices de criminalidade diminuíssem; claro que isso só se verificaria a longo prazo, mas proporcionaria-nos resultados mais duradouros e definitivos.

02. A tese do texto é que

[Digite texto]



- (A) a pena de morte deve ser totalmente abolida de todos os ordenamentos jurídicos. É um tema polêmico e envolve até presidentes inclusive o Papa.
- (B) com a aplicação da pena, muitos inocentes serão sacrificados, por isso não seria justo deixar um culpado solto que matar um inocente?
- (C) muitas pessoas se posicionam contra ou a favor da pena de morte, mas não sabem justificar com exatidão a posição que assumem.
- (D) um professor diz que é difícil saber com exatidão se somos contra ou a favor da pena de morte em quanto não trabalharmos com a escória.
- (E) Se houvesse mais igualdade social, talvez os índices de criminalidade diminuíssem, e isso só se verificaria a longo prazo.

Pena de Morte: A Justiça no Limite da Racionalidade

Massinga Dias (Bacharel em Direito)

http://www.mnoticias.8m.com/pena_morte.htm em 12/09/2011 captado

A pena de morte é um assunto que vem suscitando grandes polêmicas não apenas entre os juristas, envolvendo presidentes e até o Papa. Essa polêmica já existe há séculos e nunca se chegou a uma unanimidade e talvez nunca se chegue, mas a partir do século XIX, houve mais engajamento para que a pena de morte fosse totalmente abolida de todos ordenamentos jurídicos.

Muitas pessoas se posicionam contra ou a favor da pena de morte, mas não sabem justificar com exatidão a posição que assumem. Tive um professor que dizia que é difícil saber com exatidão se somos contra ou favor da pena de morte, em quanto não trabalharmos com a escória.

Será justo que um Estado puna com a morte alguém que cometeu um homicídio?! Não estaríamos voltando a velha máxima "olho por olho, dente por dente". Então não é crime se matarmos com a autorização do Estado?

Com a aplicação dessa pena, muitos inocentes já foram sacrificados, não seria mais justo deixar um culpado solto, que matar um inocente? Existem pessoas que se posicionam contra isso, dizendo que é melhor um inocente preso, que um bandido; em que mundo estamos onde a vida passa a ter pouco valor.

Os EUA é o campeão em aplicação de penas de morte e conseqüentemente o país que comete mais erros de justiça, só que infelizmente muitas vezes essa constatação chega tarde demais e o valor da indenização nunca serve para abrandar o sofrimento da família, pois o dinheiro nunca poderá trazer de volta o pai, filho, irmão, amigo... que se foi. Nos EUA, pelo menos 360 pessoas condenadas à morte, entre 1900 e 1985, conseguiram provar a sua inocência, só que para 25 a inocência foi provada tarde demais. (...).

Até hoje não conseguiu provar-se que a aplicação da pena de morte diminui os índices de criminalidade, uma vez que verifica-se que os países que a aplicam têm porcentagens de crimes superiores às dos países que a aboliram. O Canadá é um grande exemplo, o índice de criminalidade em 1993 diminuiu em 27% depois que a pena de morte foi abolida, o que não se verificava nos anos em que a pena de morte ainda vigorava.

Se houvesse mais igualdade social, talvez os índices de criminalidade diminuíssem; claro que isso só se verificaria a longo prazo, mas proporcionaria-nos resultados mais duradouros e definitivos.

03. (SALTO – 2011) A tese do texto é que

- (A) a pena de morte deve ser totalmente abolida de todos os ordenamentos jurídicos. É um tema polêmico e envolve até presidentes inclusive o Papa.
- (B) com a aplicação da pena, muitos inocentes serão sacrificados, por isso não seria justo deixar um culpado solto que matar um inocente?
- (C) muitas pessoas se posicionam contra ou a favor da pena de morte, mas não sabem justificar com exatidão a posição que assumem.
- (D) um professor diz que é difícil saber com exatidão se somos contra ou a favor da pena de morte em quanto não trabalharmos com a escória.

(E) Se houvesse mais igualdade social, talvez os índices de criminalidade diminuíssem, e isso só se verificaria a longo prazo.

Vamos queimar os dicionários

– Lya Luft

26/Março/2012



Lya Fett Luft é uma escritora e tradutora brasileira. É também uma professora universitária aposentada e

“Vamos deletar as palavras que nos incomodam, os costumes que nos irritam, as pessoas que nos atrapalham e, quem sabe, iniciar uma campanha de queima de livros. De autores, seria um segundo passo”

Quando a gente pensa que já viu tudo, não viu. Faz algum tempo, dentro do horroroso politicamente correto que me parece tão incorreto, resolveram castrar, limpar, arrumar livros de Monteiro Lobato, acusando-o de preconceito racial, pois criou entre outras a deliciosa personagem da cozinheira Tia Nastácia, que, junto com Emília e outros do Sítio do Pica-pau Amarelo, encheu de alegria minha infância.

Se formos atrás disso, boa parte da literatura mundial deve ser deletada ou “arrumada”. Primeiro, vamos deletar a palavra “negro” quando se refere a raça e pessoas, embora tenhamos uma banda Raça Negra, grupos de teatro Negro e incontáveis oficinas, açougues, borracharias “do Negrão”, como “do Alemão” “do Portuga” ou “do Turco”. Vamos deletar as palavras. Quem sabe, vamos ficar mudos, porque ao mal-humorado essencial, e de alma pequena, qualquer uma pode ser motivo de escândalo. Depende da disposição com que acordou, ou do lado de onde sopram os ventos do seu próprio preconceito.

Embora meus antepassados tivessem vindo ao Brasil em 1825, portanto sendo eu de muitas gerações de brasileiros tão brasileiros quanto os de todas as demais origens, na escola havia também a turminha que nos achacava com refrãos como “Alemão batata come queijo com barata”. Nem por isso nos odiamos, nos desprezamos. Eram coisas infantis, sem consistência. O que vemos hoje quer mudar a cara do país, ou da cultura do país, e não tem nada de inocente.

Um dos negros que mais estimei (no passado, porque morreu), ligado a mim por laços de família, era culto, bom, interessante, nossos encontros eram uma alegria. Com ele muito aprendi, sua cultura era vasta. A cor de sua pele nunca me incomodou, como, imagino, não o aborreciam meus olhos azuis. Havia coisas bem mais positivas e importantes entre nós e nossas famílias. Não vou desfilar casos com amigos negros, japoneses, árabes, judeus, seja o que for. Mas vou insistir no meu escândalo e repúdio a qualquer movimento que seja discriminatório, que incite o ódio de classes ou o ódio racial, não importa em que terreno for.

Agora, de novo para meu incorrigível assombro, em um lugar deste vasto, belo, contraditório país que a gente tanto ama, desejam sustar a circulação do Dicionário Houaiss, porque no verbete “cigano” consta também o uso pejorativo – que, diga-se de passagem, não foi inventado por Houaiss, mas era ou é uso de alguns falantes brasileiros, que o autor meramente, como de sua obrigação, registrou. Ora, para tentar um empreendimento desse vulto, como suspender um dicionário de tal peso e envergadura, seria preciso um profundo e preciso conhecimento de linguística, de lexicografia, uma formação sólida sobre o que são dicionários e como são feitos.

O dicionarista não inventa, não acusa nem elogia, deve ser imparcial – porque é apenas alguém que registra os fatos da língua, normalmente da língua-padrão, embora haja dicionários de dialetos, de gírias, de termos técnicos etc. Então, se no verbete “cigano” Houaiss colocou também os modos pejorativos como a palavra é ou foi empregada, criticá-lo por isso é uma tolice sem tamanho, que, se não cuidarmos, atingirá outros termos em outros dicionários, com esse olhar rancoroso. Vamos nos informar, antes de falar. Vamos estudar, antes de criticar. Vamos ver em que terreno estamos pisando, antes de atacar obras literárias ou científicas com o azedume de nossos preconceitos e da nossa pequenez ou implicâncias infundadas. Há coisas muito mais importantes a fazer neste país, como estimular o cuidado com a educação, melhorar o atendimento à saúde, promover e preservar a dignidade de todos nós.

Ou, numa mistura maligna de arrogância e ignorância – talvez simplesmente porque não temos nada melhor a fazer -, vamos deletar as palavras que nos incomodam, os costumes que nos irritam, as



peçoas que nos atrapalham e, quem sabe, iniciar uma campanha de queima de livros. De autores, seria um segundo passo. E assim caminhará para trás, velozmente, o que temos de humanidade.

www.correaneto.com.br/site/espaco/23197 acessado em 18 de junho de 2012

04. (SALTO/2012) A tese defendida no texto “Vamos queimar os dicionários” está presente em (A) Quando a gente pensa que já viu tudo, não viu. Faz algum tempo, dentro do horroroso politicamente correto que me parece tão incorreto, resolveram castrar, limpar, arrumar livros de Monteiro Lobato, acusando-o de preconceito racial, pois criou entre outras a deliciosa personagem da cozinheira Tia Nastácia.

(B) “Vamos deletar as palavras que nos incomodam, os costumes que nos irritam, as pessoas que nos atrapalham e, quem sabe, iniciar uma campanha de queima de livros. De autores, seria um segundo passo.”

(C) O dicionarista não inventa, não acusa nem elogia, deve ser imparcial – porque é apenas alguém que registra os fatos da língua, normalmente da língua-padrão, embora haja dicionários de dialetos, de gírias, de termos técnicos etc.

(D) Embora meus antepassados tivessem vindo ao Brasil em 1825, portanto sendo eu de muitas gerações de brasileiros tão brasileiros quanto os de todas as demais origens, na escola havia também a turminha que nos achacava com refrãos como “Alemão batata come queijo com barata”.

(E) Então, se no verbete “cigano” Houaiss colocou também os modos pejorativos como a palavra é ou foi empregada, criticá-lo por isso é uma tolice sem tamanho, que, se não cuidarmos, atingirá outros termos em outros dicionários, com esse olhar rancoroso.

D19 Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos.

Os direitos da criança

Toda criança tem direito à igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.

Toda criança tem direito a crescer dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.

Toda criança tem direito a um nome, a uma nacionalidade.

Toda criança tem direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade.

Toda criança tem direito à educação gratuita e ao lazer infantil.

Toda criança tem direito à alimentação, moradia e assistência médica para si e para a mãe.

[Digite texto]



Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar.
Toda criança física ou mentalmente deficiente tem direito à educação e a cuidados especiais.
Toda criança tem direito a especial proteção para o seu desenvolvimento físico, mental e social.
Toda criança tem direito a ser protegida contra o abandono e a exploração no trabalho.

Cereja, William Roberto & Magalhães, Thereza Cochar. Português: Linguagens. São Paulo: Atual, 1998. p. 77.

01. (PROVA BRASIL) Usando o termo “Toda” no início de cada frase, o texto
- (A) enfatiza a ideia de universalidade.
 - (B) estabelece independência com o termo “criança”.
 - (C) estabelece maior vínculo com o leitor.
 - (D) faz uma repetição sem necessidade.
 - (E) reforça a especificidade de cada ideia.

Pena de Morte: A Justiça no Limite da Racionalidade

Massinga Dias (Bacharel em Direito)

http://www.mnoticias.8m.com/pena_morte.htm em 12/09/2011 captado

A pena de morte é um assunto que vem suscitando grandes polêmicas não apenas entre os juristas, envolvendo presidentes e até o Papa. Essa polêmica já existe há séculos e nunca se chegou a uma unanimidade e talvez nunca se chegue, mas a partir do século XIX, houve mais engajamento para que a pena de morte fosse totalmente abolida de todos ordenamentos jurídicos.

Muitas pessoas se posicionam contra ou a favor da pena de morte, mas não sabem justificar com exatidão a posição que assumem. Tive um professor que dizia que é difícil saber com exatidão se somos contra ou favor da pena de morte, em quanto não trabalharmos com a escória.

Será justo que um Estado puna com a morte alguém que cometeu um homicídio?! Não estaríamos voltando a velha máxima "olho por olho, dente por dente". Então não é crime se matarmos com a autorização do Estado?

Com a aplicação dessa pena, muitos inocentes já foram sacrificados, não seria mais justo deixar um culpado solto, que matar um inocente? Existem pessoas que se posicionam contra isso, dizendo que é melhor um inocente preso, que um bandido; em que mundo estamos onde a vida passa a ter pouco valor.

Os EUA é o campeão em aplicação de penas de morte e conseqüentemente o país que comete mais erros de justiça, só que infelizmente muitas vezes essa constatação chega tarde demais e o valor da indenização nunca serve para abrandar o sofrimento da família, pois o dinheiro nunca poderá trazer de volta o pai, filho, irmão, amigo... que se foi. Nos EUA, pelo menos 360 pessoas condenadas à morte, entre 1900 e 1985, conseguiram provar a sua inocência, só que para 25 a inocência foi provada tarde demais. (...).

Até hoje não conseguiu provar-se que a aplicação da pena de morte diminui os índices de criminalidade, uma vez que verifica-se que os países que a aplicam têm porcentagens de crimes superiores às dos países que a aboliram. O Canadá é um grande exemplo, o índice de criminalidade em 1993 diminuiu em 27% depois que a pena de morte foi abolida, o que não se verificava nos anos em que a pena de morte ainda vigorava.

Se houvesse mais igualdade social, talvez os índices de criminalidade diminuíssem; claro que isso só se verificaria a longo prazo, mas proporcionaria-nos resultados mais duradouros e definitivos.

02. No trecho “A pena de morte é um assunto que vem suscitando grandes polêmicas não apenas entre os juristas, envolvendo presidentes e **até o Papa.**” A expressão em destaque é enfática devido
- (A) a pena de morte ser de interesse apenas de juristas.
 - (B) ao Papa ser uma autoridade única no mundo.
 - (C) ao Papa está no mesmo patamar que os presidentes.

[Digite texto]



- (D) ao Papa e os juristas serem iguais em autoridades.
(E) juristas, presidentes e Papa serem comuns em autoridades.

Educação em crise?

VALDO BARCELOS - Professor da UFSM e escritor

Não! A educação escolar brasileira não está em crise – vou usar a expressão educação escolar, porque educação é algo que vai além da escola. A escola é um dos lugares onde a educação acontece. Dito isso, volto a reafirmar: a educação escolar brasileira não está passando por uma crise como tanto se escuta e se lê diariamente. Mas por que estou afirmando com tanta veemência que a educação não está em crise, se a maioria dos especialistas no assunto e, também, os comunicadores dizem o contrário?

A razão é simples e tem a ver com a palavra crise. Se fosse uma crise, já teria passado. Algo que se prolongue por muito tempo não pode ser chamado de crise. Crise é algo que se resolve dentro de um espaço de tempo não muito longo. Resumindo: crise é algo que sempre é passageiro.

O que está acontecendo com a educação escolar no Brasil vem de muito longe. Vem dos tempos do Império. Tem a ver com a própria origem dos primeiros modelos de educação que foram implantados por essas Terras Brasilis. Assim, nossa situação de precariedade na educação escolar é decorrência do modelo, ou melhor, dos modelos que foram adotados desde sempre.

Vale ressaltar que isso que estou afirmando não é nenhuma novidade. Pelo menos para quem tem se preocupado, realmente, em estudar e tentar entender com seriedade e honestidade o que acontece com a sociedade brasileira em geral e com a educação escolar em particular. Senão, vejamos: o antropólogo e pensador Darcy Ribeiro (1922-1997) já dizia, nos idos da década de 70, que o Brasil padecia de uma doença crônica que era a tendência a copiar e a imitar os modelos, primeiro de além-mar e, depois, norte-americanos, ao invés de criar, de inventar as próprias alternativas para os seus problemas e dificuldades.

Se dermos um salto de quatro décadas, veremos que outro pensador, e esse um educador de ofício, Mario Sergio Cortella, tem reafirmado, em suas palestras e livros, que o grande problema da educação escolar brasileira não é de crise, mas, sim, do modelo ou modelos de educação escolar que temos adotado. Nossos modelos educacionais têm esquecido algo elementar: as crianças reais do país real em que vivemos: o Brasil. Um país onde cerca de 80% das crianças de periferia, que cursam o segundo ano do Ensino Fundamental, têm mais escolaridade que os pais. Isso não é crise. Isso é modelo falido desde sempre. Pergunto: será que não temos teorias demais, pedagogias demais, investigações demais, psicologias demais sobre educação escolar e, infelizmente, atitudes de menos?

Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/imprensa/4,41,2614367,12903> Acessado em trinta e um de janeiro de dois mil e doze.

03. (SALTO/2012) O autor do texto “Educação em crise?” no último parágrafo do seu texto, repete um discurso de Mario Sergio Cortella, o qual conceitua como “educador de ofício”. Além dessa expressão, o autor repete por quatro vezes a palavra “demais” e finaliza com uma pergunta retórica “atitude de menos?”. O termo “demais” repetido no final do texto

- (A) enfatiza a necessidade de se discutir mais sobre as teorias pedagógicas, investigações, psicologias e educação escolar.
(B) enfatiza a necessidade de deixar um pouco mais as discussões teóricas gerais e partir para o que realmente é preciso fazer.
(C) retoma a necessidade de se considerar que a educação dos pais influencia pouco para a formação dos filhos.
(D) é repetido desnecessariamente, visto que na prática é preciso melhorar a educação com mais teorias.



(E) reforça a ideia de que os filhos aprendem na escola para ajudarem na instrução escolar de seus pais.

Pedro pedreiro

Chico Buarque de Holanda

Pedro pedreiro, pensamento
esperando o trem
Manhã parece, carece de
esperar também
Para o bem de quem tem bem
De quem não tem vintém
Pedro pedreiro espera o
Carnaval
E a sorte grande do bilhete pela
Federal
Todo mês
Esperando, esperando,
esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando aumento
para o mês que vem
Esperando a festa
Esperando a sorte
E a mulher de Pedro
Está esperando um filho
Pra esperar também (...)
Pedro pedreiro, pedreiro esperando
Pedro pedreiro, pedreiro esperando
Pedro pedreiro, pedreiro esperando o trem
Que já vem, que já vem, que já vem.

HOLLANDA, Chico Buarque de. Nova história da Música Popular Brasileira: Abril Cultural, 1976. (Fragmento com cortes)

04. (PROVA BRASIL/2007 com adaptação) O autor repete a letra “p” durante a canção para enfatizar
- (A) a espera de Pedro pelo trem.
 - (B) a dureza da vida de Pedro, nome originado da palavra pedra e, conseqüentemente, também de sua profissão.
 - (C) o som de uma obra, uma vez que Pedro é pedreiro.
 - (D) o cotidiano de uma pessoa simples que poderia ter escolhido outra profissão.
 - (E) o som rimado com das palavras Pedro e pedra como sons onomatopáicos.



D9 Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.

A sombra do meio-dia

A Sombra do Meio-Dia é o belo título de um romance lançado recentemente, de autoria do diplomata Sérgio Danese. O livro trata da glória (efêmera) e da desgraça 5 (duradoura) de um ghost-writer, ou redator- fantasma – aquele que escreve discursos para outros. A glória do ghost-writer de Danese adveio do dinheiro e da ascensão profissional e social que lhe proporcionaram os serviços prestados ao patrão – um ricoço feito senador e ministro, ilimitado nas ambições e limitado nos escrúpulos como soem ser as figuras de sua laia. A desgraça, da sufocação de seu talento literário, ou daquilo que gostaria que fosse talento literário, posto a serviço de outrem, e ainda mais um outrem como aquele. As exigências do patrão, aos poucos, tornam-se acachapantes. Não são apenas discursos que ele encomenda. É uma carta de amor a uma bela que deseja como amante. Ou um conto, com que acrescentar, às delícias do dinheiro e do poder, a glória literária. Nosso escritor de aluguel vai se

[Digite texto]



exaurindo. É a própria personalidade que lhe vai sendo sugada pelo insaciável senhorio. Na forma de palavras, frases e parágrafos, é a alma que põe em continuada venda.

Roberto Pompeu de Toledo, Revista VEJA, ed.1843, 3 de março de 2004. Ensaio p. 110.

01. (PROVA BRASIL) O fragmento que contém a informação principal do texto é
- (A) “A Sombra do Meio-Dia [...] diplomata Sériodo
 - (A) “A Sombra do Meio-Dia [...] diplomata Sério Danese.” (l. 1-2)
 - (B) “O livro trata da glória (efêmera) e da desgraça (duradoura) de um ghost writer.” (l. 3 - 3).
 - (C) “Não são apenas discursos que ele encomenda.” (l. 8-9)
 - (D) “Nosso escritor de aluguel vai se exaurindo.” (l. 10)
 - (E) “Na forma de palavras [...] é a alma que põe em continuada venda.” (l. 11-12)

Animais no espaço

Vários animais viajaram pelo espaço como astronautas. Os russos já usaram cachorros em suas experiências. Eles têm o sistema cardíaco parecido com o dos seres humanos. Estudando o que acontece com eles, os cientistas descobrem quais problemas podem acontecer com as pessoas.

A cadela Laika, tripulante da Sputnik-2, foi o primeiro ser vivo a ir ao espaço, em novembro de 1957, quatro anos antes do primeiro homem, o astronauta Gagarin.

Os norte-americanos gostam de fazer experiências científicas espaciais com macacos, pois o corpo deles se parece com o humano. O chimpanzé é o preferido porque é inteligente e convive melhor com o homem do que as outras espécies de macacos. Ele aprende a comer alimentos sintéticos e não se incomoda com a roupa espacial. Além disso, os macacos são treinados e podem fazer tarefas a bordo, como acionar os comandos das naves, quando as luzes coloridas acendem no painel, por exemplo.

Enos foi o mais famoso macaco a viajar para o espaço, em novembro de 1961, a bordo da nave Mercury/Atlas 5. A nave de Enos teve problemas, mas ele voltou são e salvo, depois de ter trabalhado direitinho. Seu único erro foi ter comido muito depressa as pastilhas de banana durante as refeições.

(Folha de São Paulo, 26 de janeiro de 1996)

<http://provapetropolis.blogspot.com/2011/05/d9-diferenciar-as-partes-principais-das.html> em 13/09/11

02. No texto “Animais no espaço”, uma das informações principais é
- (A) “A cadela Laika (...) foi o primeiro ser vivo a ir ao espaço.”
 - (B) “Enos errou ao comer depressa as pastilhas de banana.”
 - (C) “Enos foi o mais famoso macaco a viajar para o espaço.”
 - (D) “Os russos já usavam cachorros em suas experiências.”
 - (E) “Vários animais viajaram pelo espaço como astronautas.”

Leia o texto

Com Patativa do Assaré surge no horizonte de nossas letras um poeta popular que dá voz ao clamor do povo. Alguém que ao representar as figuras sociais do camponês, do agregado sem terra, do vaqueiro, do caçador ou ainda do mendigo, da prostituta, do menino de rua, realiza sociológica e esteticamente algo muito diverso daquilo que acontece quando os poetas de outra extração social vêm falar destas mesmas personagens. No caso do poeta do Assaré, podemos constatar com muita clareza a existência de uma empatia e identificação radicais, resultado em última análise da experiência de partilhar o poeta com seus personagens de uma mesma comunidade de destinos.

Revista Discutindo Literatura, Ano I, nº 1, p.57



03. (SEAPE - 2010) Qual é a ideia central desse texto?
- (A) A sociologia é a atividade principal do poeta popular.
 - (B) O poeta popular ignora as raízes de seus personagens.
 - (C) O poeta popular se identifica com seus personagens.
 - (D) A pesquisa da cultura popular é feita pelo camponês.
 - (E) O poeta do Assaré faz poesia igual a todos os poetas.

Os filhos e a separação dos pais

Fábio Henrique Prado de Toledo

Certa vez, ouvi de um filho cujos pais estavam na iminência de se separarem, o seguinte desabafo: “sinto como se eu estivesse sendo rasgado ao meio, ou melhor, talvez se isso me ocorresse, penso que isso doeria menos que a separação deles”. A separação é algo muito comum hoje em dia, porém, não se pode esquecer dos sofrimentos e traumas que causa nos filhos.

Seria muito bom que os casais, em especial os que têm filhos, decidissem de verdade a levar mais a sério o compromisso que assumiram. A instituição do divórcio pela legislação não quer dizer que o casamento passou a ser uma espécie de contrato por prazo determinado, algo semelhante a uma locação em que se fixa, de antemão, um período de trinta meses. [...]

O Código Civil brasileiro, muito sabiamente, consagra em seu artigo 1.511 que o casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges. [...]

Mas há situações em que a separação [...] torna-se uma realidade irreversível. Exemplo disso é a situação do homem ou da mulher cuja esposa ou marido abandona o lar e se nega a tentar qualquer reconciliação. [...]

[...]

Mas um dos aspectos mais importantes é a postura que se assume diante do filho em relação ao ex-marido ou ex-esposa. Há estudos que apontam que a morte de um dos pais é evidentemente mais dolorosa que a separação, mas costuma fazer menos mal para a educação. E o motivo provável é que, após a morte, é frequente que o cônjuge sobrevivente fale bem do outro, e que nutra recordações saudáveis, de modo que os filhos, ainda que sofram muito, mantêm a segurança de que seus pais se amavam, mas algo inevitável os separou.

Entre casais separados, porém, é muitíssimo comum cada qual fazer comentários negativos sobre o outro diante dos filhos. [...] Assim, quando se critica o outro, quem sofre é o filho, que apesar de tudo ama a ambos.

Penso que seja possível manter uma educação saudável, apesar da separação. Mas isso depende de que o pai e a mãe se esforcem por lembrar das qualidades do outro e ressaltem isso diante dos filhos. [...]. Qualquer pessoa, por pior que seja, tem sempre qualidades que podem ser reconhecidas. [...]. Os filhos terão então olhos para enxergar que os pais, apesar de tudo, os amam de verdade. E, repita-se, não demonstra que ama de verdade o filho o pai ou a mãe que não respeita o outro, seja qual for o motivo da separação.

Disponível na íntegra em: <http://www.portaldafamilia.org/artigos/artigo579.shtml>

Acessado em primeiro de fevereiro de dois mil e doze.

04. (SALTO/2012) A principal informação presente no texto é
- (A) Seria muito bom que os casais, em especial os que têm filhos, decidissem de verdade a levar mais a sério o compromisso que assumiram.
 - (B) - A instituição do divórcio pela legislação não quer dizer que o casamento passou a ser uma espécie de contrato por prazo determinado.
 - (C) - A separação é algo muito comum hoje em dia, porém, não se pode esquecer dos sofrimentos e traumas que causa nos filhos.
 - (D) - O Código Civil brasileiro, muito sabiamente, consagra em seu artigo 1.511 que o casamento estabelece comunhão plena de vida.

[Digite texto]



(E) - Entre casais separados, porém, é muitíssimo comum cada qual fazer comentários negativos sobre o outro diante dos filhos.

A renúncia e as ruínas

Ivo Lucchesi

O ato renunciante de Bento XVI exibe, para a legião de católicos em todo o mundo, grito de alerta e um espasmo de esmorecimento. É como se alguém dissesse: “Não suporto mais!” A retidão ética e a resistência ortodoxa, traços marcantes na história de sua personalidade, impedem de levar adiante o mandato vitalício. Bento XVI, ao anunciar, em caráter irrevogável, a renúncia, sutilmente, no melhor estilo germânico, recatado, produz a abertura necessária ao questionamento do que, realmente, ocorre nos subterrâneos das muralhas do Vaticano, extensivo às arquidioceses espalhadas pelo mundo.

A mídia brasileira, ciente de ter diante de si, por estatística, a maior população de católicos no mundo, sem levar em conta de que os reais praticantes são bem menos, adota uma postura oscilante: uma pauta mista entre a sugestão de denúncia do renunciante e informações quanto ao possível sucessor. Nossa mídia adora uma média! Para ela, o que importa é não perder leitores nem audiência. A verdade fica em segundo plano.

O manto da hipocrisia

É insólito o fato histórico de, no centro pulsante do coração de Roma, haver um Estado independente: República de San Marino. Ocorrência similar não se verifica no judaísmo, no islamismo, menos ainda, na vertente cristã do protestantismo. Não abordaremos, aqui, as razões históricas (ou históricas) que firmaram o fato. Basta o registro dele. Ao instalar-se o Estado autônomo, foi aberto o portal para práticas delituosas, seja no plano moral, seja no âmbito econômico-financeiro, a exemplo do escândalo que, há décadas, envolveu o Banco Ambrosiano.

É claro que matérias jornalísticas, publicadas em diversas partes do mundo, trazem conteúdos cuja origem só pode provir de fontes internas do Vaticano. Sexo e corrupção vêm à tona. De quem jornalistas extraem tais informações? Não será Bento XVI a declará-las. Não, ele não quer mais desgastes. Para tanto, usou a frase: “Não tenho mais força!” A que força Bento XVI se referiu? Física ou política? As crescentes denúncias de corrupção e de desvios sexuais, dentro e fora das fronteiras do Vaticano, deixam claro que a razão é política. O papa não está vendendo barato sua renúncia. Deixa, para o sucessor, pesado fardo. O enfrentamento ou a cumplicidade silenciosa. Enfim, a renúncia de Bento XVI envia uma mensagem, sem negociações: ou a igreja católica assume uma estratégia de varredura, eliminando todas as vergonhas de ordem sexual e econômico-financeiras, ou terá de se expor a sucessivos desgastes de sua credibilidade.

Qual foi o impasse subjetivo de Bento XVI para, com sua ortodoxia, não mais levar adiante sua função vitalícia? A rigidez germânica de suas convicções ortodoxas. Com a renúncia, ele diz ao sucessor: “Por favor, promova as transformações necessárias!” Quais? A principal delas, no mundo de hoje, é a de liberar o clero para constituir família, a exemplo do que Martin Lutero, há séculos, entendeu ser a solução.

Estatísticas são reveladoras: quantos casos de desvios sexuais ocorreram na vertente cristã protestante, em confronto com as denúncias de perversão sexual nas hostes católicas? A diferença é assombrosa. A razão que instituiu o celibato, na Idade Média, foi de ordem econômica. Foi o modo encontrado pelo Vaticano para manter controle rígido e receita garantida sobre cada paróquia no mundo. Somente os mais crédulos ainda creem que não houve união carnal entre Jesus e Madalena. Não há, portanto, nenhum fundamento religioso, capaz de condenar uma relação amorosa.

A hipocrisia mórbida (contra si) e perversa (contra o outro) que, ainda, rege o imaginário falido do Vaticano precisa, urgentemente, ser aniquilada. Que o sucessor tenha a coragem e força para libertar o corpo de futuras gerações de cônegos, padres, bispos, cardeais e papas de uma “prisão” que violenta as leis da natureza. Se o Vaticano não libertar corpos, perderá mentes. Remover o manto da hipocrisia é a palavra de ordem. Se, assim, não for, haverá de multiplicarem-se as ruínas, até as muralhas se desmancharem de vergonha.

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed735_a_renuncia_e_as_ruinas acessado em 01_03_2013



05. O texto trata principalmente

(A) da ciência da mídia brasileira em saber que no Brasil há a maior população de católicos do mundo considerando também que os dados estatísticos mostram os reais praticantes como sendo, em maior parte, os frequentadores assíduos da religião católica em sua prática.

(B) das fontes internas do Vaticano ao informar a existência de corrupção e sexo as quais os jornalistas extraem diretamente de Bento XVI, visto que neste, há forças física e política para a continuação de seu ofício como papa.

(C) do grito de alerta e esmorecimento de Bento XVI ao exibir seu ato de renúncia para a legião de católicos no mundo inteiro, como se não suportasse mais o mandato devido ter em sua personalidade traços de retidão ética e resistência ortodoxa o que impediram continuar em seu ofício.

(D) do impasse subjetivo de Bento XVI para, com sua ortodoxia, e da continuação de sua função vitalícia, bem como da rigidez germânica de suas convicções ortodoxas e o pedido para que seu sucessor promova transformações.

D21 Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

Quando a separação não é um trauma

A Socióloga Constance Ahrons, de Wisconsin, acompanhou por 20 anos um grupo de 173 filhos de divorciados. Ao atingir a idade adulta, o índice de problemas emocionais nesse grupo era equivalente ao dos filhos de pais casados. Mas Ahrons observou que eles "emergiam mais fortes e mais madurecidos que a média, apesar ou talvez por causa dos divórcios e recasamentos de seus pais". (...) Outros trabalhos apontaram para conclusões semelhantes. Dave Riley, professor da universidade de Madison, dividiu os grupos de divorciados em dois: os que se tratavam civilizadamente e os que viviam em conflito. Os filhos dos primeiros iam bem na escola e eram tão saudáveis emocionalmente quanto os filhos de casais "estáveis". (...)

Uma família unida é o ideal para uma criança, mas é possível apontar pontos positivos para os filhos de separados. "Eles amadurecem mais cedo, o que de certa forma é bom, num mundo que nos empurra para uma eterna dependência."

[Digite texto]



REVISTA ÉPOCA, 24/1/2005, p. 61-62. Fragmento.

01. (PROVA BRASIL) No texto, três pessoas posicionam-se em relação aos efeitos da separação dos pais sobre os filhos: uma socióloga, um professor e o próprio autor. Depreende-se do texto que

- (A) a opinião da socióloga é discordante das outras duas.
- (B) a opinião do professor é discordante das outras duas.
- (C) as três opiniões são concordantes entre si.
- (D) o autor discorda apenas da opinião da socióloga.
- (E) o autor discorda apenas da opinião do professor.

Notícia

O articulista da revista *Veja*, Claudio de Moura Castro, no seu artigo “Vamos de Mal a Pior?”, publicado esta semana, trata de um assunto que hoje é muito frequente, a comparação entre o mundo atual e o passado não muito recente. Nesse seu artigo, após estabelecer as comparações inevitáveis, entre o passado e o presente, conclui o seu estudo comparativo, chegando à seguinte conclusão: que em que pese os graves problemas do mundo atual, a humanidade experimenta dias melhores.

Já o escritor e jornalista Carlos Heitor Cony, no seu artigo semanal do jornal *Folha de São Paulo*, no seu artigo “Tudo podia Ser Pior” do dia 13/02 no caderno *Ilustrada*, traça um panorama um tanto quanto pessimista do mundo atual e, para exemplificar esse mundo terrível em que nós vivemos (eu, ele, você), conta um caso de um amigo seu que abandonou São Paulo e seguiu em direção ao Rio de Janeiro para fugir da pressão psicológica, do consumismo, da pressa, do imediatismo, da crueldade dos negócios do toma lá da cá - que marca a temperatura humana da nossa maior cidade. Concluindo esse seu artigo Carlos Heitor Cony nos conta uma triste história de um seu amigo, que num momento de lucidez, meteu uma bala na cabeça, não quebrou a cabeça, mas quebrou a sua cara, pois a bala resvalou e ele ficou apenas ferido, doido e vivo contra a sua vontade.

Sou obrigado a concordar em parte com que escreveu Claudio de Moura Castro, pois é inegável que em alguns aspectos o mundo evoluiu da barbárie para a civilização, mas acontece que a partir das últimas décadas do século XX e dos primeiros anos do século XXI, o mundo começou a regredir.

Tomemos como exemplo, as perdas de direitos trabalhistas, conquistados a duras penas pelo trabalhador através da organização sindical (sindicato), que hoje não passa de abrigo para sindicalistas pelego e para compor um cenário de democracia plena. A violência é outro dado assustador, com as pessoas vivendo nas grandes cidades, como se estivesse morando numa Selva de Pedra, com o bicho homem sendo o algoz, carrasco do próprio homem.

Só para ficarmos num exemplo recente, a tentativa de Hugo Chavez em se eternizar no poder na Venezuela. Já disse e repito: reeleição e eleição ilimitada é um tipo de ditadura disfarçada.

Na Venezuela, os outros poderes que legitimam uma democracia foram praticamente eliminados.

<http://www.portalaz.com.br/noticia/geral/130614#> 15/09/11 captado.

02. A notícia apresenta posições diferentes, do articulista, do escritor e do repórter sobre a evolução do mundo atual. A partir do texto, pode-se afirmar que

- (A) para o escritor e o repórter, mesmo com graves problemas existentes no mundo atual, a humanidade passa por dias melhores.
- (B) para Castro, a pressão psicológica de consumismo, da pressa, do imediatismo, da crueldade, a solução é fugir para outra cidade.
- (C) para o repórter e o articulista, há convergência, em parte, em duas posições como a evolução para dias melhores, mas no final do século XX e início do XXI houve regressão.
- (D) para Cony e Castro, a posição sobre a evolução do mundo, é a mesma, por isso seu amigo (de Cony) tentou suicídio.



(E) para o articulista Castro em seu artigo “Vamos de Mal a Pior?” aponta para um assunto pouco frequente entre o mundo atual e um passado próximo.

Leia os textos

Teste 1

TRABALHO INFANTIL É UM SOCO NO ESTÔMAGO

Trabalho infantil é proibido. É proibido não por decisão de alguma autoridade de plantão, mas pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e pela Constituição Federal, a Carta Magna da nação.

Crianças em trabalho infantil e nas ruas mostram o grau de nosso atraso. A Constituição veda expressamente aos menores de 16 anos, exceto na condição de aprendiz, a partir de 14 anos, e a menores de 18 anos o trabalho noturno, perigoso e insalubre, o que se harmoniza com os tratados internacionais, em especial com as convenções da OIT (Organização Internacional do Trabalho).

Essa realidade possui dois lados. As famílias excluídas que buscam formas alternativas de sobrevivência, como o trabalho infantil. Por outro lado, esse comportamento reproduz o ciclo perverso de perpetuação da pobreza.

O trabalho infantil é a representação mais alarmante da nossa falta de trabalho com a infância: não é tanto o que a criança está fazendo, mas o que deixamos de fazer com ela. A criança deve ter acesso a oportunidades que, de fato, façam-na voltar a sonhar.

Fonte: PESARO, Floriano. Trabalho infantil é um soco no estômago. Folha de S. Paulo, São Paulo, 23 abr. 2009, p. A3. (com cortes)

Texto 2

PROIBIÇÃO DO TRABALHO INFANTIL REVOLTA COMUNIDADE EM MINAS

Pais gostariam que seus filhos pudessem trabalhar para complementar renda e aprender uma profissão

Lourival Sant'Anna Enviado especial
Santa Rita de Ouro Preto, MG

Júnior completa 14 anos este mês. Aluno aplicado, está cursando a 8ª série numa escola de Santa Rita, distrito de Ouro Preto a 120 km de Belo Horizonte. No ano passado, ele trabalhou numa oficina de artesanato de pedra-sabão. Estudava das 7h às 11h e trabalhava das 12h às 16h. com um salário de R\$100 por mês, estava feliz da vida de ter “o seu dinheirinho”.

Mas a alegria não durou. Depois de dois meses, a Subdelegacia Regional do Trabalho baixou na empresa, que foi autuada e dispensou Júnior, com outros dois adolescentes. O mesmo aconteceu noutras oficinas que empregavam menores. Este ano, Júnior conseguiu vaga na escola à noite, mas não encontra o que fazer de dia. Seus pais estão revoltados.

[Digite texto]



“Agora é que tava bom. Poderia trabalhar o dia inteiro”, diz sua mãe, uma dona de casa de 38 anos. “O que ele ganhava ajudava e muito”, conta o pai, de 42. “Já imaginou meu filho estudando em Ouro Preto e eu sozinho com meu salário sustentando?”, pergunta o pai, motorista de caminhão. A mãe não entende por que menores de idade não podem trabalhar: “É só saber dividir o tempo, uai. Não tem criança que é artista de novela? Por que na TV pode?”.

As queixas se repetem em muitos lares do distrito de Santa Rita. “Tinha que debater mais esse negócio de menor de idade não poder trabalhar”, critica Paulo Sérgio da Silva, dono de uma oficina de artesanato, que admite que empregava adolescentes até dois anos atrás, quando foi autuado por isso. Hoje com 42 anos, ele começou a trabalhar aos 14.

Segundo a socióloga Isa de Oliveira, secretária-executiva do Fórum Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil, essa visão é generalizada no Brasil, sobretudo no interior. “Parcela significativa da população não tem informação suficiente para entender a importância do direito de ir à escola, de brincar, de ter infância”, observa. “O lúdico é educativo, é formativo.” Segundo Isa, o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, torna a criança sujeito de direitos. “Há uma cultura segundo a qual a criança é um objeto, e o adulto tem direitos sobre ela.”

Fonte: SANT'ANNA, Lourival. Proibição do trabalho infantil revolta comunidade em Minas. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2 abr. 2006, p. A28. (com cortes)

03. (SIAD – 2009) No texto 2, a única opinião sobre o tema do trabalho infantil que se aproxima do ponto de vista defendido pelo autor do texto 1 é expressa

- (A) pelo ex-funcionário Júnior.
- (B) pela mãe de Júnior.
- (C) pelo pai de Júnior.
- (D) pelo empregador Paulo.
- (E) pela socióloga Isa.

DETRANS VÃO PROPOR QUE MOTOCICLISTAS NÃO USEM 'CORREDORES' ENTRE CARROS

Detrans de 24 estados vão propor mudanças na legislação brasileira para quem dirige motos.

GUACIRA MERLIN Porto Alegre

Detrans de mais de 20 estados vão propor mudanças na legislação brasileira para quem dirige motos. A iniciativa foi apresentada em um congresso internacional que reúne experiência de sucesso no combate às mortes no trânsito.

Cenas fortes que simulam com realismo acidentes fatais. Assim são as campanhas de trânsito na Austrália. Uma das idealizadoras do projeto diz: “Os australianos não pareciam preocupados com os acidentes. Por isso, foi preciso chocar.”

Em 20 anos, o número de mortes caiu 70%. A Espanha conseguiu reduzir esse número em 60%. Um dos caminhos foi agilizar a Justiça. Sentenças de crimes de trânsito passaram a ser dadas em apenas um dia. A meta é acabar com a impunidade, explica a especialista.

No congresso que reuniu cinco países, o Brasil também apresentou projetos polêmicos. Em agosto, Detrans de 24 estados vão entregar ao Congresso nacional sugestões de mudanças para

[Digite texto]



quem anda de moto. Entre elas, aulas práticas em vias públicas, como uma que acontece na Espanha: lá, o aluno usa um fone de ouvido e recebe orientações do instrutor que vai atrás, de carro.

Outra proposta poderá mudar totalmente o jeito que os motociclistas se movimentam nas ruas. A ideia é proibir a circulação das motos nos corredores entre os veículos. O motoqueiro só vai poder usar o espaço com o trânsito parado.

A moto que surge de repente, tirando fininhos dos carros entre as faixas, é uma das maiores reclamações dos motoristas.

“Muitas vezes o pessoal passa do lado, passa em cima. Eles vêm com muita velocidade, buzinando muitas vezes”, diz um motorista.

Os motoboys dizem que a medida pode até acabar com a profissão.

“A única agilidade que a moto tem é transitar no meio dos carros. Vai perder totalmente a agilidade”, avalia um motoboy.

“Vai diminuir o serviço, porque vai demorar mais para gente entregar”, acrescenta outra.

Mas para o diretor-presidente do Detran do Rio Grande do Sul, Alessandro Barcellos, é hora de reavaliar a necessidade de tanta pressa. O último levantamento do Ministério da Saúde mostra que quase 11 mil motociclistas morreram em um ano.

“Nós não podemos aceitar que esta vantagem tenha o preço de uma vida. Portanto, nós acreditamos que é importante este balanço entre a vantagem de ser ter um produto na sua casa, um serviço, e de termos uma vida poupada no trânsito”, comenta.

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/07/detrans-vaopropor-que-motociclistas-nao-usem-corredores-entre-carros.html> acessado em 24 de julho de 2012.

04. SALTO/2012) A partir da leitura do texto podemos afirmar que

(A) os posicionamentos dos motoboys são semelhantes ao posicionamento do diretor-presidente do DETRAN do Rio Grande do Sul considerando ambos que a pressa é uma necessidade.

(B) os posicionamentos dos motoboys e o do diretor-presidente do DETRAN do Rio Grande do Sul são distintos pois para os motoboys a profissão pode acabar, mas para o presidente do DETRAN, a vantagem não pode ter o preço de uma vida.

(C) os posicionamentos dos motoboys e o do diretor-presidente do DETRAN do Rio Grande do Sul são distintos pois para os motoboys a profissão pode acabar, mas para o presidente do DETRAN, a vantagem pode ter o preço igual o de uma vida.

(D) os posicionamentos dos motoboys e o do diretor-presidente do DETRAN do Rio Grande do Sul são iguais, pois para os motoboys e para o presidente do DETRAN, a vantagem não pode ter o preço de uma vida.

(E) os posicionamentos dos motoboys e o do diretor-presidente do DETRAN do Rio Grande do Sul são distintos, pois para os motoboys a profissão pode acabar, mas para o presidente do DETRAN, é interessante chegar mais rápido.



D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

Todo ponto de vista é a vista de um ponto

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.

Todo ponto de vista é um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha. 4ª ed. RJ: Sextante, 1999.

01. (PROVA BRASIL) A expressão “com os olhos que tem” (l. 2), no texto, tem o sentido de

- (A) enfatizar a leitura.
- (B) incentivar a leitura.
- (C) individualizar a leitura.
- (D) priorizar a leitura.

[Digite texto]



(E) valorizar a leitura.

Leia o fragmento e responda a questão.

O Projeto Genoma, que envolve centenas de cientistas de todos os cantos do globo, às vezes tem de competir com laboratórios privados na corrida pelo desenvolvimento de novos conhecimentos que possam promover avanços em diversas áreas.

02. De acordo com o fragmento acima o termo “privado” tem o mesmo sentido na afirmação

- (A) (privado = engavetado).
- (B) (privado = particular).
- (C) (privado = proibido).
- (D) (privado = sem recurso).
- (E) (privado = sem autorização).

Leia o texto abaixo.

Lagoa

Eu não vi o mar.
Não sei se o mar é bonito,
não sei se ele é bravo.
O mar não me importa.

Eu vi a lagoa.
A lagoa, sim.
A lagoa é grande
e calma também.

Na chuva de cores
da tarde que explode
a lagoa brilha
a lagoa se pinta
de todas as cores.
Eu não vi o mar.
Eu vi a lagoa...

ANDRADE, Carlos Drummond de. Reunião. 10 ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1980, 1980. p.. 10. (P120370B1_SUP)

03. (Av. Diagnóstica GOIÁS/GO - 2011) No trecho “Na chuva de cores /da tarde **que explode**”, a expressão destacada tem o sentido de tarde

- (A) alegre.
- (B) bonita.
- (C) convidativa.
- (D) exuberante.
- (E) misteriosa.

DETRANS VÃO PROPOR QUE MOTOCICLISTAS NÃO USEM 'CORREDORES' ENTRE CARROS

Detrans de 24 estados vão propor mudanças na legislação brasileira para quem dirige motos.

GUACIRA MERLIN Porto Alegre



Detrans de mais de 20 estados vão propor mudanças na legislação brasileira para quem dirige motos. A iniciativa foi apresentada em um congresso internacional que reúne experiência de sucesso no combate às mortes no trânsito.

Cenas fortes que simulam com realismo acidentes fatais. Assim são as campanhas de trânsito na Austrália. Uma das idealizadoras do projeto diz: “Os australianos não pareciam preocupados com os acidentes. Por isso, foi preciso chocar.”

Em 20 anos, o número de mortes caiu 70%. A Espanha conseguiu reduzir esse número em 60%. Um dos caminhos foi agilizar a Justiça. Sentenças de crimes de trânsito passaram a ser dadas em apenas um dia. A meta é acabar com a impunidade, explica a especialista.

No congresso que reuniu cinco países, o Brasil também apresentou projetos polêmicos. Em agosto, Detrans de 24 estados vão entregar ao Congresso nacional sugestões de mudanças para quem anda de moto. Entre elas, aulas práticas em vias públicas, como uma que acontece na Espanha: lá, o aluno usa um fone de ouvido e recebe orientações do instrutor que vai atrás, de carro.

Outra proposta poderá mudar totalmente o jeito que os motociclistas se movimentam nas ruas. A ideia é proibir a circulação das motos nos corredores entre os veículos. O motoqueiro só vai poder usar o espaço com o trânsito parado.

A moto que surge de repente, tirando fininhos dos carros entre as faixas, é uma das maiores reclamações dos motoristas.

“Muitas vezes o pessoal passa do lado, passa em cima. Eles vêm com muita velocidade, buzinando muitas vezes”, diz um motorista.

Os motoboys dizem que a medida pode até acabar com a profissão.

“A única agilidade que a moto tem é transitar no meio dos carros. Vai perder totalmente a agilidade”, avalia um motoboy.

“Vai diminuir o serviço, porque vai demorar mais para gente entregar”, acrescenta outra.

Mas para o diretor-presidente do Detran do Rio Grande do Sul, Alessandro Barcellos, é hora de reavaliar a necessidade de tanta pressa. O último levantamento do Ministério da Saúde mostra que quase 11 mil motociclistas morreram em um ano.

“Nós não podemos aceitar que esta vantagem tenha o preço de uma vida. Portanto, nós acreditamos que é importante este balanço entre a vantagem de ser ter um produto na sua casa, um serviço, e de termos uma vida poupada no trânsito”, comenta.

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/07/detrans-vaopropor-que-motociclistas-nao-usem-corredores-entre-carros.html> acessado em 24 de julho de 2012.

04. (SALTO/2012) No trecho “A moto que surge de repente, tirando fininhos dos carros **entre as faixas**, é uma das maiores reclamações dos motoristas.” A expressão em negrito significa que

- (A) os carros passam muito rápido próximos às motos o que causa susto aos motoboys.
- (B) as motos passam muito rápido e próximas aos carros causando susto aos motoristas.
- (C) as motos passam devagar próximas aos carros causando susto aos motoristas.-
- (D) as motos surgem lentamente por trás dos carros causando susto aos motoristas.
- (E) os motoristas passam rapidamente próximo às motos preocupados com o motociclista.

Leia a tirinha e responda a questão.



05. (SME-RJ) O uso da expressão “**finalmente**”, no primeiro quadrinho, indica que a arrumação foi
- (A) Corrida.
 - (B) Demorada.
 - (C) Completa
 - (D) Mal feita.
 - (E) Rápida.

(MÉDIA) - D18 Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

Vocês que têm mais de 15 anos, se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteria da esquina? (...)

Mas vocês não se lembram de nada, pô! Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite – leite em pacote, imagina, Tereza! – na porta dos fundos e estava escrito que é pasterizado ou pasteurizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau.

Será que isso é mesmo leite? No dicionário diz que leite é outra coisa: “líquido branco, contendo água, proteína, açúcar e sais minerais”. Um alimento pra ninguém botar defeito. O ser humano o usa há mais de 5.000 mil anos. É o único alimento só alimento. A carne serve pro animal andar, a fruta serve para fazer outra fruta, o ovo serve pra fazer outra galinha (...) O leite é só leite.

Ou toma ou bota fora. Esse aqui examinando bem, é so pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou capaz de jurar que nem vaca tem por trás desse negócio.

Depois o pessoal ainda acha estranho que os meninos não gostem de leite. Mas, como não gostam? Não gostam como? Nunca tomaram! Múúúúúú!

Millôr Fernandes. O Estado de São Paulo. 22/08/1999.

01. (PROVA BRASIL) Ao criar a palavra “embromatologia” (l. 6) o autor pretendeu ser

- (A) conciso.
- (B) sério.
- (C) formal.
- (D) cordial.
- (E) irônico.

Defeito no celular irrita usuário

Quero resolver um problema com a empresa X. Meu aparelho desbloqueia sozinho e faz com que eu perca alguns créditos. A pedido deles, ligo para a empresa, mas de nada adianta. Eles não resolvem nada. O máximo que consigo é passar de uma atendente para outra e ficar escutando a música de espera. A cada uma delas tenho que explicar todo o problema novamente. Estou chateado, pois o celular desbloqueia sozinho e quando vejo está discando. Estou tão insatisfeito que quero doar o aparelho. Em uma das ligações, a central de atendimento me transferiu para a central de vendas e tentaram me convencer a comprar um novo aparelho.

(E.L.P., guarda-civil, Capital, SP)

02. A expressão “Eles não resolvem nada.”, presente na fala do guarda-civil, significa que

- (A) o guarda-civil quer doar o aparelho.
- (B) o guarda-civil está muito chateado.
- (C) a empresa quer vender outro celular.
- (D) o guarda-civil quer comprar outro celular.
- (E) o guarda-civil deseja ouvir as atendentes.

Transgênicos



Organismos transgênicos, ou geneticamente modificados, são aqueles que tiveram genes estranhos inseridos em seu código genético. Estes genes diferentes são capazes de determinar características, por exemplo: uma laranja transgênica pode ser maior ou mais doce do que as convencionais, dependendo da modificação genética realizada.

Com essa tecnologia, os cientistas podem inserir genes de porcos em seres humanos, ou genes de vírus ou bactérias em milho e outros alimentos.

Os países da Europa têm rejeitado produtos transgênicos. Ambientalistas apontam alguns riscos em relação ao consumo desse tipo de alimento.

Não é possível, ainda, avaliar os efeitos dos transgênicos na saúde do consumidor e no meio ambiente, mas existem fortes indícios de que eles sejam prejudiciais.

[Digite texto]



Médicos, cientistas e ambientalistas apresentam opiniões divergentes sobre o tema. Porém, enquanto o risco dos transgênicos não é cientificamente comprovado, os produtos continuam nas prateleiras dos supermercados pelo mundo.

No Brasil, este tipo de alimento geneticamente modificado ainda é proibido.

Ongs se uniram para lançar a campanha “Por Um Brasil Livre de Transgênicos”. Estas organizações não governamentais se mostram preocupadas com as consequências que o uso dos transgênicos pode trazer para a saúde humana, para o meio-ambiente e para a economia do Brasil.

Disponível em: <http://www.clickestudante.com/transgenicos.html>
Acessado em primeiro de fevereiro de dois mil e doze.

03. (SALTO – 2012) “No Brasil, este tipo de alimento geneticamente modificado **ainda** é proibido.” A palavra em negrito no trecho pode ser interpretada como

- (A) a possibilidade de futura liberação para consumo de alimento geneticamente modificado.
- (B) a impossibilidade de futura liberação para consumo de alimento geneticamente modificado.
- (C) há liberação para consumo, no Brasil, de produtos geneticamente modificados.
- (D) há liberação para consumo, em parte, dos produtos geneticamente modificados.
- (E) a indicação de desfavor para a liberação dos produtos geneticamente modificados para consumo.

DETRANS VÃO PROPOR QUE MOTOCICLISTAS NÃO USEM 'CORREDORES' ENTRE CARROS

Detrans de 24 estados vão propor mudanças na legislação brasileira para quem dirige motos.

GUACIRA MERLIN Porto Alegre

Detrans de mais de 20 estados vão propor mudanças na legislação brasileira para quem dirige motos. A iniciativa foi apresentada em um congresso internacional que reúne experiência de sucesso no combate às mortes no trânsito.

Cenas fortes que simulam com realismo acidentes fatais. Assim são as campanhas de trânsito na Austrália. Uma das idealizadoras do projeto diz: “Os australianos não pareciam preocupados com os acidentes. Por isso, foi preciso chocar.”

Em 20 anos, o número de mortes caiu 70%. A Espanha conseguiu reduzir esse número em 60%. Um dos caminhos foi agilizar a Justiça. Sentenças de crimes de trânsito passaram a ser dadas em apenas um dia. A meta é acabar com a impunidade, explica a especialista.

No congresso que reuniu cinco países, o Brasil também apresentou projetos polêmicos. Em agosto, Detrans de 24 estados vão entregar ao Congresso nacional sugestões de mudanças para quem anda de moto. Entre elas, aulas práticas em vias públicas, como uma que acontece na Espanha: lá, o aluno usa um fone de ouvido e recebe orientações do instrutor que vai atrás, de carro.

Outra proposta poderá mudar totalmente o jeito que os motociclistas se movimentam nas ruas. A ideia é proibir a circulação das motos nos corredores entre os veículos. O motoqueiro só vai poder usar o espaço com o trânsito parado.

A moto que surge de repente, tirando fininhos dos carros entre as faixas, é uma das maiores reclamações dos motoristas.

“Muitas vezes o pessoal passa do lado, passa em cima. Eles vêm com muita velocidade, buzinando muitas vezes”, diz um motorista.

Os motoboys dizem que a medida pode até acabar com a profissão.

“A única agilidade que a moto tem é transitar no meio dos carros. Vai perder totalmente a agilidade”, avalia um motoboy.

“Vai diminuir o serviço, porque vai demorar mais para gente entregar”, acrescenta outra.

Mas para o diretor-presidente do Detran do Rio Grande do Sul, Alessandro Barcellos, é hora de reavaliar a necessidade de tanta pressa. O último levantamento do Ministério da Saúde mostra que quase 11 mil motociclistas morreram em um ano.



“Nós não podemos aceitar que esta vantagem tenha o preço de uma vida. Portanto, nós acreditamos que é importante este balanço entre a vantagem de ser ter um produto na sua casa, um serviço, e de termos uma vida poupada no trânsito”, comenta.

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/07/detrans-vaopropor-que-motociclistas-nao-usem-corredores-entre-carros.html> acessado em 24 de julho de 2012.

04. (SALTO/2012) A partir da leitura do texto e observando a fala, “Os australianos não pareciam preocupados com os acidentes. Por isso, “foi preciso chocar.”, de uma das idealizadoras do projeto para evitar que motociclistas usem os corredores, a palavra chocar, no final da fala dessa idealizadora traz o mesmo sentido de que

- (A) os carros colidiam literalmente nas ruas.
- (B) os australianos já procuravam solução para o problema..
- (C) cenas de acidentes fatais foram simuladas.
- (D) acidentes reais aconteceram no projeto.
- (E) os australianos estavam assustados com os acidentes.